

AVALIAÇÃO:
27.10.2011

OPERADOR SOBE A CARACTERISTICA E CAI EM BG

LOCUTOR Ao findar o décimo quinto capitulo desta novela, deixamos dona Assunta no consultorio do doutor Alexandre, até onde a levára a intenção de fazer ao jovem médico um aviso que ainda não sabemos qual seja. No momento em que se deu a interrupção do capítulo, dona Assunta, muito constrangida, dizia-lhe...

ASSUNTA Acresceite, doutor, que não é meu hábito meter-me em assuntos que não me dizem respeito, e não ser quando vejo que, com a minha intromissão posso evitar um mal, porque, então, a minha consciencia poderia, depois acusar-me de ter permanecido de braços cruzados diante de uma catástrofe que eu poderia ter evitado.

ALEXANDRE Compreendo, dona Assunta. Compreendo.

ASSUNTA E foi por essa razão que me resolvi vir ao seu consultório para dizer-lhe o seguinte: o senhor não se deixe levar pelas expansões de entusiasmo que dona Enóe possa manifestar-lhe a seu respeito.

Alexandre Como assim? Não compreendi bem o que a senhora quis dizer...

Assunta Vou procurar explicar-lhe melhor. É que dona Enóe aprecia muito, como divertimento, -- e talvez seja mesmo o seu divertimento predileto -- esses namoricos sem consequencia.

ALEXANDRE Mas se eles não tem consequencia tambem não podem causar prejuizo.

Assunta Sem consequencia para ela, mas o senhor compreenda... ela é moça, graciossa, inteligente, bonita mesmo e saber usar muito bem esses dotes que a natureza lhe deu para prender os rapazes que namora. Mas depois que os sente completamente presos aos seus encantos, ela resolve terminar o namoro e prosseguir em buscar de novas vitimas. O que resulta, depois é que a maior parte dos namorados apaixonam-se

ATENÇÃO!!!

CONTINUA NA PAGINA SEGUINTE

Assunta - e sofrem. E ela, sem o menor remorso, se mantém completamente alheia ao sofrimento deles.

ALEXANDRE - Estou compreendendo. A senhora tem razão que ela possa querer brincar também comigo e, como consequência desse brinquedo, eu venha a apaixonar-me seriamente por ela, sofrendo depois a sua indiferença.

ASSUNTA - Exatamente. Vejo que o senhor alcançou logo o ponto que eu quis atingir. O senhor é bastante estimado lá em casa e se, por infelicidade, tal acontecesse, todos ficariam profundamente aborrecidos. Não quero que o senhor interprete este meu aviso como deslealdade à dona Enoc. É que, simplesmente, eu a conheço bastante para saber que ela fará tudo para conquistá-lo, principalmente se perceber que o senhor não lhe dá trêça. Nesse caso, então, é que ela será capaz dos maiores absurdos para vencer a sua resistência.

ALEXANDRE - Não se preocupe, dona Assunta. Eu saberei levá-la de maneira a que ela não perceba que me mostro indiferente aos seus encantos mas de forma, também, a não desmerecer a confiança que dona Ina demonstra ter em mim. De qualquer forma... agradeço muitíssimo o seu aviso porque a verdade é que um homem prevenido... vale por dois.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENOC - Chegou alguém aí, Celeste?

CELESTE - Não, dona Enoc.

ENOC - Mas não tocaram a campainha? Você não acabou de atender a porta agora mesmo?

CELESTE - Sim, sim, mas... quer dizer... Não entrou ninguém, foi isso o que eu quis dizer.

ENOC - Mas quem bateu na porta? Eu seria capaz de jurar ter ouvido a voz do doutor Alexandre.

CELESTE - Não senhora. Foi... foi o empregado do armazém que veio trazer as compras. Mas a senhora não deixa de ter razão. Ele tem, realmente, um timbre de voz bastante semelhante ao do doutor Alexandre. E já que estamos falando nele... perdô a minha confiança, mas... não lhe parece um rapaz muito simpático?

ENOC - Efetivamente. Talvez um pouco frio ou tímido, não sei, mas, de qualquer forma, bastante simpático e interessante.

- CELESTE - Mas a menina, certamente, já deverá ter deixado lá em São Paulo o seu predileto, não ?
- ENOÉ - Predileto, francamente não deixei nenhum. Namorados muitos. Gosto de namorar sem me prender. Uma distração para passar o tempo.
- CELESTE - Compreendo. Eu também já tive a sua idade e uma maneira de pensar exatamente assim. Queria namorar sem me prender. E era bonita, sabe?
- ENOÉ - Era e é até hoje, Celeste.
- CELESTE - Amabilidade sua. Hoje estou uma sombra do que fui. E sabe o que destruiu a minha beleza? A ideia de conquistar a todos os homens que se aproximassem de mim. Era um prazer que eu tinha vê-los todos a meus pés. E na legião de pretendentes que me cercava em volta, fui escolher, justamente, o pior deles todos. Apaixonei-me por um canalha que em poucos meses de casado destruiu-me o encanto de viver. Em pouco mais de dois anos estávamos separados. E a moça fina e educada que eu era, elemento representativo da sociedade onde vivia, transformei-me em empregada de comércio, depois em enfermeira e finalmente em governante de sua mãe. (Pausa e tom) Bem, mas... desculpe sim, dona Enóé ? Eu nem sei a propósito de que fui falar-lhe da minha vida passada.
- ENOÉ - Sei eu. Foi uma advertência que você me quis fazer, pensando que possa me suceder o mesmo que aconteceu a você, mas na época em que você viveu a sua mocidade, a mulher era completamente ingênua e ignorante da malícia dos homens. Deixava-se prender por um sorriso ou uma frase amável que lhe parecesse pronunciada com sinceridade. E como vivia muito mais afastada dos homens, sem conviver propriamente com eles, desconhecia-lhes as artimanhas, os mil processos de sedução de que eles se serviam para prender e enganar. A mulher de hoje, pela educação que recebe, pela liberdade que conquistou e pela maneira de viver muito mais em contacto com os homens, conseguiu conhecê-los melhor e aprendeu a defender-se.
- CELESTE - Talvez a menina tenha razão, em parte, mas o que lhe posso garantir é que, no momento de amar, todas as resistências desertam e a mais experimentada torna-se indefesa.

- ENOË - Não se preocupe comigo, Celeste. O dia em que voce me conhecer melhor, haverá de surpreender-se das minhas reservas de energia e de defesa.
- CELESTE - A menina acha que não lhe conheço? Esquece-se de que dona Iris a entregou para mim logo que seu pai adoeceu?
- ENOË - Não, Celeste, não esqueço mas você nem imagina quanto eu mudei nesses anos que estive longe de casa. E convem ainda notar que foi nesse período de ausencia que eu deixei de ser menina para me tornar moça. Mudei, portanto, física e espiritualmente. (Tom) Bem, mas agora vou até o quarto de mamãe...
- CELESTE - (RÁPIDA, contendo um susto) Não, menina, não vá.
- ENOË - Ora essa! Por que?
- CELESTE - Porque... eu vim de lá não faz muito e... ela ~~nao~~ havia dormido. Poderá despertar com a sua entrada e passar, depois, mais uma noite de insônia. Seria uma coisa horrível para ela...
- ENOË - Interessante... você parece que se assustou com a perspectiva de me ver entrando no quarto de mamãe...
- CELESTE - Sim, sim... não nego, mas... é que já a vi acordando-se e passando, depois, o resto da noite, a revolver-se na cama sem poder tornar a conciliar o sono...
- ENOË - Está bem, esteja tranquila. Não irei mais ao seu quarto de mamãe. Deixarei de dar-lhe, hoje, o meu beijo de boa noite.
- CELESTE - Amanhã poderá explicar-lhe os motivos e ela não se aborrecerá, asseguro-lhe.
- ENOË - Está bem, Celeste. Boa noite para você, então.
- CELESTE - Boa noite, dona Enôe, Durma bem.
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL
- ALEXANDRE - Quer dizer, então, que você continua a insistir em manter-se reclusa? Não ^{se} convence da necessidade de sair um pouco, tomar sol e respirar um ar mais puro?
- IRIS - Por enquanto prefiro continuar assim, Alexandre. Deixe passar mais algum tempo e depois, então, concordarei com você em voltarmos aos nossos antigos passeios.

ALEXANDRE - E enquanto isso os seus nervos vão dilacerando as últimas energias do seu organismo já tão esgotado.

IRIS - Que quer que faça, Alexandre? Não me sinto com forças para agir de outro modo. Parece-me um desrespeito à memória de Haroldo começar a sair em tão poucos dias depois da sua morte. Tenho a impressão de que no olhar de cada conhecido que encontrasse haveria de descobrir sempre uma expressão de desaprovação e de censura.

ALEXANDRE - É uma tolice, Iris. Você se escraviza demais à opinião dos outros. Que lhe importa o que pensam? Que lhe importa o que digam? Você precisa libertar-se desses preconceitos que lhe tolhem completamente a liberdade de ação. Uma mulher superior, como você soube ser até agora, não se intimida diante de obstáculos tão pequenos e desarrazoados. Levante a cabeça e enfrente a imbecilidade dessa gente pequena e mesquinha.

IRIS - Não posso, Alexandre, não posso. É por mim mesma que assim procedo, compreende? Pelo respeito que devo a mim mesma. Pelo desejo de portar-me dignamente e não permitir que as minhas atitudes venham dar pasto a qualquer maledicência. Se falassem de mim... da minha atitude... não seria pelo que dissessem que eu haveria de sofrer mas por sentir-me diminuída perante os meus próprios olhos por não ter tido a força suficiente de conter-me. De esperar um tempo razoável para apresentar-me publicamente.

ALEXANDRE - Está bem. Sendo assim... eu não continuarei a insistir. Só gostaria que você me respondesse ainda a uma pergunta.

IRIS - Pois não. Que deseja saber?

ALEXANDRE - Quanto tempo eu terei que esperar para que me seja permitido agir livremente... com referência a você?

IRIS - Eu preferia não limitar prazo. Esperar - isso sim - até que o meu coração pudesse aceitar, sem constrangimento, qualquer dívida que você pretendesse oferecer-lhe.

ALEXANDRE - Não me satisfaz essa resposta. É vaga demais.

IRIS - Não posso marcar-lhe um prazo que eu mesma ignoro, Alexandre. Tanto poderá ser de seis semanas como de seis meses ou quem sabe um ano até

ALEXANDRE - Um ano é muito tempo.

G.REGRA - SEIS BATIDAS DISCRETAS NA PORTA, DE DUAS EM DUAS.

IRIS - É Celeste, (Projetando) Entre.

CONT.REGRA- PORTA QUE SE ABRE E FECHA. PASSOS QUE SE APROXIMAM.

IRIS - Alguma coisa, Celeste?

CELESTE - A mãe do doutor Alexandre acaba de telefonar. Há um chamado urgente para ele.

ALEXANDRE - Ela não disse de onde era?

CELESTE - Uma vizinha, parece. Manda pedir que o senhor vá imediatamente.

ALEXANDRE - Sim, sim. Irei já. Boa noite então, dona Iris.

IRIS - Boa noite, doutor. Obrigada.

CELESTE - Venha comigo, doutor. O senhor vai ter que sair pela porta da sala de jantar que dá para o jardim porque eu não sei onde deixei a chave da porta da frente.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

IRIS - O que houve com a chave da porta da frente, Celeste?

CELESTE - Nada, dona Iris. Ela está aqui comigo. Vou agora repô-la no lugar.

IRIS - Onde estava?

CELESTE - Esteve sempre comigo. É que o doutor Alexandre não podia passar pelo "hall".

IRIS - Sim, sim, já compreendi. E ele saiu sem ser visto?

CELESTE - Graças a Deus! Mas a ginástica para que isso se desse sem que ele se apercebesse de que eu o estava desviando de um caminho perigoso, afianço-lhe que não foi fácil!

CONTROLE - RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL

ALEXANDRE - Interessante... Por que motivo Celeste me terá feito sair furtivamente, ainda que tenha procurado não me dar semelhante impressão?

CONTROLE - RÁPIDA PASSAGEM MUSICAL

ENORÉ - Não é possível!... Eu devo estar enganada! Não pode ser ele. Não deve ser ele!... Mas a silhueta é tão igual que não pode deixar dúvidas. Nesse caso... (Tom) Bem... amanhã tirarei isso a limpo!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

IRIS - O que é que você tem, menina ?

REBECA - Nada de maior, dona Iris. Uma pequena indisposição.

IRIS - Mas eu tenho reparado que isso vem sendo constante em você, ultimamente. É raro dia em que não apresenta uma fisionomia cansada, deprimida... Têm-se a impressão que você não dormiu durante a noite... Que não se refaz da fadiga do dia...

REBECA - Tenho dormido mal, realmente... mas já consultei o doutor Alexandre e ele me garantiu que não tenho nada de maior. Dis que sofri um abalo de nervos muito grande e que a insônia que tenho é apenas um produto do sistema nervoso. Deu-me um calmante e garantiu-me que tudo passará.

IRIS - Ainda bem. Se o doutor garantiu-lhe que isso passará depressa devemos acreditar nele. (TOM) Mas vamos ao que serve. Mandeí chamá-la pelo seguinte: hoje é dia trinta e um e eu pensava dispensar os seus serviços. Acontece que Galante veio me pedir que eu lhe conservasse nesta casa, visto que você precisa muito trabalhar.

REBECA - Preciso, sim, dona Iris. Preciso muito, até. Meu pai mal ganha para o seu sustento e ainda, muitas vezes, sou obrigada a auxiliá-lo com algum dinheiro.

IRIS - Pois muito bem, foi sabendo disso que resolvi deixar que você continuasse aqui, com o mesmo ordenado anterior, mas com missão diferente que eu, naturalmente, preciso saber se você está disposta a aceitar.

REBECA - Aceito qualquer coisa, desde que a senhora me deixe ficar, dona Iris. A minha situação, de momento, não me permite escolher ou ter preferência por qualquer espécie de trabalho.

IRIS - Pois bem, nesse caso eu lhe direi que, a partir de hoje, você ficará com a incumbência de atender unicamente a minha filha. Ela tem uma dama de companhia que é dona Assunta, mas naturalmente precisará de

IRIS... - alguém que cuide das suas roupas, do arranjo do seu quarto, que despache a sua correspondência, que a atenda, enfim, em todas essas coisas que são precisas e que não competem propriamente a dona Assunta.

REBECA - Compreendo, dona Iris.

IRIS - Ficará como sendo uma empregada particular de minha filha, lugar que eu - naturalmente - não lhe teria oferecido se não fosse você mesma se mostrar disposta a aceitá-lo. Agora... quanto ao horário, você se acerte lá com Enôê. Ela é que deverá dizer-lhe a hora que você deverá estar aqui e a hora que poderá sair.

REBECA - Perfeitamente, dona Iris. Só me resta agradecer-lhe o ampar grande que a senhora me empresta, num momento em que eu realmente tanto necessito.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

ENOÊ - O horário, penso que podemos deixar o mesmo. Isto é... a saída pôde ser um pouco mais cedo. Não vejo necessidade de você ficar presa até tão tarde. Sair às sete horas está bem para você?

REBECA - Muito bem, dona Enôê.

ENOÊ - Pois então estamos acertadas.

REBECA - Perfeitamente. Precisa alguma coisa de mim, no momento?

ENOÊ - Sim. Preciso de você e muito.

REBECA - Estou às suas ordens.

ENOÊ - Fecha aquela porta. *Senta*

C./REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE SE FECHA. PASSOS QUE SE APROXIMAM.

ENOÊ - Antes de mais nada, preciso de uma coisa muito importante. Saber se posso confiar em você.

REBECA - Mas naturalmente que sim. Prometo-lhe que hei de me tornar digna da sua inteira confiança.

ENOÊ - É isso, precisamente, o que mais necessito, de momento. Vou então incumbir-lhe de uma missão de inteira confiança: você vai cuidar os passos do doutor Alexandre aqui em casa e avisar-me, em seguida, sempre que ele chegar a esta casa.

- REBECA - Por' que? A senhora também desconfiou dele ?
- ENOÊ - Como desconfiou? Por que "também" desconfiou? Você desconfia alguma coisa dele ?
- REBECA - Bem... quer dizer... Não fui eu propriamente... Eu... eu...
- ENOÊ - Vamos, creatura, explique-se. Fale claro. É dessa forma que você pretende meracer a minha confiança ?
- REBECA - É que a senhora compreende... Há coisas muito delicadas de se dizerem... sobretudo em se tratando de certas pessoas... E depois eu precisaria também ter inteira confiança na senhora para saber que a senhora não me comprometeria...
- ENOÊ - Óra, vamos! Então você julga que eu seja alguma criança imprudente? Alguma inexperiente que não vá saber agir com cautela? Não tenha receio. Apesar da minha pouca idade, posso lhe garantir que sou bastante escolada e que não caírei em qualquer esparrela. Não se esqueça que vivi alguns anos em São Paulo e que numa cidade grande a gente aprende logo a ser de circo. Fique inteiramente descansada. Sei andar na corda bamba sem cair.
- REBECA - Pois bem, eu vou-lhe dizer o que sei a respeito do doutor Alexandre
- ENOÊ - Diga, diga.
- REBECA - Quem ~~uma~~ desconfiava dele, terrivelmente, era o seu pai.
- ENOÊ - Papai ? Mas... mas por que ?
- REBECA - Seu pai tinha quasi que a certeza de que ele gostava de dona Iris.
- CONTROLE - SEM CORTAR A CENA, FORTIÇA FORTE.
- ENOÊ - (Assombro) De mamãe ?!... Papai desconfiava de doutor Alexandre com... (Tom) Não pode ser, Rebeca! Papai estava doente... enfraquecido... e além do mais, desde o início da sua doença que se havia tornado num homem doentamente ciumento.
- REBECA - Bem, mas a verdade é que...
- ENOÊ - (Depois de pausa) Diga. (Pausa curta) Você viu também alguma coisa que justificasse essa desconfiança ?
- REBECA - Ver, propriamente, eu não posso dizer que tenha visto. Mas seu pai me incumbiu de vigiá-los e eu, de investigação em investigação, che-

- Rebêca.. - cheguei á certeza final de que eles, á noite, se encontravam no quarto de dona Celeste.
- ENOÊ - Bem, mas isso, afinal, não constitue uma prova definitiva de que ele gostasse dela ou vice versa... Ele bem poderiam se encontrar lá para falar, justamente, sobre a enfermidade de papai.
- REBECA - Bem... é como eu já lhe disse: afirmar qualquer coisa a esse respeito eu não posso. Entretanto... houve uma série de coisas exquisitas que nos autorizam a desconfiar de qualquer coisa nesse sentido.
- ENOÊ - (Meio tom, para si própria) Não é possível!... Não é possível!...
(Tom) Bem, Rebeca, estamos entendidas. Continue, agora para mim, o seu trabalho de espionagem e qualquer coisa que você consiga aprender trate imediatamente de me comunicar.
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL, FUNDE COM AUTOMOVEL EM MOVIMENTO.
- ENOÊ - Foi muito amavel de sua parte oferecer-me uma carona no seu taxi. É tão difficil a condução nessa hora de maior movimento!
- ALEXANDRE - Realmente. E é um problema que cada dia parece que mais se agrava.
- ENOÊ - Como foi que me avistou na fila do ônibus ?
- ALEXANDRE - Puramente por acaso. O guarda fechou o sinal para nós e fomos obrigados a parar. Olhei casualmente para o lado e alguém me acenou com a mão, cumprimentando-me. Era um cliente. Ao responder a inesperada saudação deparei com você na mesma fila. Calculei que ia ter muito que esperar e me deu pena.
- ENOÊ - Não gosto que ninguém tenha pena de mim mas só pelo prazer de estar agora conversando com você, abenção a que teve. Tanto mais que eu já estava com saudades suas. Ontem esteve lá em casa, não...
- ALEXANDRE - (Cortando) Ontem ?!
- ENOÊ - Sim. Pois então não esteve ?
- ALEXANDRE - Acredita que já não me lembro ?
- ENOÊ - Pois eu me lembro e muito bem. Vi quando você saiu. Pela porta da sala de jantar que dá para o jardim. Por que motivo não saiu, como sempre, pela porta da frente ?

ALEXANDRE - Sim... por que? (Tom) Ah, lembro-me agora: porque dona Celeste havia perdido a chave da porta da frente e eu tinha pressa em chegar ao hospital. Havia um caso malindroso que me estava preocupando muito.

ENOË - Vai nos aparecer hoje à noite?

ALEXANDRE - Talvez... Não posso lhe dar certeza porque... porque não sei ainda se encontrarei muitos chamados em casa, compreende?

ENOË - Bem, mas... se a sua ida à nossa casa depende dos chamados que lhe aguardam, eu tratarei de telefonar também assim que chegar.

ALEXANDRE - Não é necessário. Se for realmente tanto empenho que eu vá...

ENOË - Claro que faço. E nem compreendo que você possa ter qualquer dúvida.

ALEXANDRE - Pois bem, nesse caso... ainda que seja mais tarde... eu irei à sua casa hoje.

ENOË - Perfeitamente. Vou esperá-lo então. (projetando) Chauffeur, pare na quadra seguinte. Terceira casa à esquerda.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

ASSUNTA - Não precisa mais se preocupar, dona Iris. A menina acabou de chegar.

IRIS - Óra graças a Deus! Eu já estava assustadíssima com a sua demora.

ASSUNTA - Disse que foi pela falta de condução. Que esteve parada numa fila de ônibus quase uma hora.

IRIS - Devia ter tomado um taxi ou pelo menos telefonar avisando que iria chegar mais tarde para que não nos preocupássemos tanto.

ASSUNTA - Foi exatamente o que eu lhe disse mas a senhora sabe como são essas moças. Não se lembram de nada disto.

IRIS - Eu poderia comprar um auto e a situação estaria resolvida mas só de me lembrar que Enoc vai querer logo aprender a conduzir...

ASSUNTA - Aprender a conduzir, diz a senhora? Vai querer logo conduzir porque aprender ela já aprendeu há muito tempo no auto do primo. A senhora nem sabe o quanto eu me aborreço por causa disto! Era brigas todos os dias. E em São Paulo, então, que o trânsito ainda é maior do que aqui...

- IRIS - Deus me livre! Si eu tivesse sabido, tinha ficado louca. Acho que acabaria fazendo com que ela voltasse para casa.
- C./REGRA - PORTA QUE ^{SE} ABRE, UM POUCO AFASTADA.
- ENOË - (mistada) E então, mamãe? Como passou a tarde?
- C./REGRA - PORTA QUE SE FECHA E PASSOS QUE SE APROXIMAM.
- IRIS - Mais ou menos bem, minha filha. Só estava muito preocupada com a sua demora. Você não chegava nunca.
- ENOË - Pois Assunta me disse que você estava alarmada com a minha demora. Não havia razão para isso, mamãe.
- IRIS - Como não havia razão, filhinha? Você nunca vem tão tarde...
- ASSUNTA - Com licença, dona Iris. Eu vou mandar servir o jantar, não lhe parece?
- IRIS - Claro, Assunta, depois vai ficar muito tarde.
- C./REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ^{SE} ABRE E SE FECHA, AFASTADA.
- ENOË - Ah, mamãe e você sabe de uma coisa? Se não fosse ter pagado uma carona, iria chegar em casa ainda muito mais tarde.
- IRIS - E quem lhe deu carona, minha filha?
- ENOË - Você nem calcula. Veja se adivinha.
- IRIS - O seu Prates?
- ENOË - Não.
- IRIS - O Dr. Anselmo, nosso vizinho?
- ENOË - Também não.
- IRIS - O seu Estevão?
- ENOË - Não.
- IRIS - Então não sei de mais ninguém que more por aqui e tenha automóvel.
- ENOË - Essa pessoa não tem automóvel. Vinha em auto de praça.
- IRIS - Assim não é possível, minha filha. Como é que eu vou saber?
- ENOË - O doutor Alexandre?
- CONTROLE - ACORDE PORTE SEM CORTAR A CENA
- IRIS - (SUSTO CONTIDO) Hein?! O... o doutor Alexandre?!
- ENOË - Ele mesmo. Mas por que ficou tão pálida, mamãe?

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO

Novela de ERICO CRAMER

17º CAPÍTULO

AVALIAÇÃO:
27.10.
2011

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

LOCUTOR - Ao som desta característica vai ao ar mais um capítulo da emocionante novela de Erico Cramer...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERISTICA

LOCUTOR - Anoiteceu. Descansa Coração !...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERISTICA E CAI EM B/G

LOCUTOR - Ao final do décimo sexto capítulo desta novela, vimos que Iris se encontrava aflita e preocupada com a demora da filha que fora fazer umas compras na cidade e retardava-se bastante mais do que era seu costume. Assim que Enó chegou, dona Assunta tratou de ir ao quarto de Iris, acalmá-la. Logo depois, Enó veio também ter ao quarto de sua mãe e, depois de trocarem algumas frases de explicação pelo atraso, Assunta foi providenciar para que fosse servido o jantar. Ficaram então a mãe e filha. E interrompemos o capítulo quando...

ENOÉ - Você nem calcula quem me deu Carona, Mamãe.

IRIS - O seu Pratos ?

ENOÉ - Não.

IRIS - O Dr. Anselmo, nosso vizinho ?

ENOÉ - Também não.

IRIS - O seu Estevão ?

ENOÉ - Não.

IRIS - Então não sei, minha filha.

ENOÉ - O doutor Alexandre !

CONTROLE - ACORDE FORTE, SEM CORTAR A CENA.

IRIS - (SUSTO CONTIDO) Hein ?!... O... o doutor Alexandre ?!

ENOÉ - Ele mesmo. (Pausa e tom) Mas, por que ficou tão pálida, mamãe ?

IRIS - Eu?!... Pálida, você disse ?... Óra, minha filha... por que havia de ficar pálida por uma coisa tão natural ?...

ENOÉ - Mamãe... você não sabe fingir.

IRIS - (Susto) Como ?!...

ENOÉ - Ouça, mamãe, eu sei de tudo !

- IRIS - O... o que foi que você disse ? Sabe de tudo que ?!...
- ENOÊ - Óra, o que, mamãe ! Tudo o que está se passando entre ele e você.
- IRIS - Mas minha filha... eu... francamente... eu não estou compreendendo nada do que você está querendo dizer... Por que você não fala claro?
- ENOÊ - A mim é que compete fazer essa pergunta. Por que você não é franca comigo? Por que está pretendendo dissimular... esconder uma coisa que qualquer uma pessoa um pouco mais astuta está logo compreendendo? Então você pensa que eu já não percebi que ele gosta de você e que você não é indiferente a esse amor que lhe inspirou ?
- IRIS - Inco!... Como você pode afirmar uma coisa dessas com tamanha convicção, menina? Então você não compreende que o doutor Alexandre... poderia ser meu filho ?
- ENOÊ - Podia mas não é. E não sendo, nada impede que ele venha a ser o seu segundo marido.
- IRIS - Cale-se, menina. Não diga tolices.
- ENOÊ - Mamãe... por que você não é leal comigo ? É assim que você quer que eu tenha inteira confiança em você? Não posso. Se você não é sincera, escondendo de mim os seus verdadeiros sentimentos, como posso confiar a você os sentimentos que, por acaso, possa guardar no meu peito?
- IRIS - Alguém andou enchendo a sua cabeça com tolices, isso é o que é.
- ENOÊ - Ninguém me falou nada, mamãe. O que descobri e acabei de lhe falar foi por observação própria e nada mais.
- IRIS - Você não descobriu coisa nenhuma. Está, apenas, fantasiando coisas.
- ENOÊ - Pois bem, se assim é, jure pela memória de papai que nada existe entre você e Alexandre.
- IRIS - Nada o que ?
- ENOÊ - Uma inclinação de um para o outro, naturalmente. Nem eu estou pensando que haja mais nada do que isto. (Pausa) Vamos... responda o que lhe perguntei... Você é capaz de jurar que não existe absolutamente nada entre vocês dois? Mas quero que me responda olhando fixamente para os meus olhos. Nada de olhar para o chão para poder desviar-se mais facilmente.

- IRIS - (Depois de pausa) Minha filha... se eu lhe pedisse para não falarmos mais neste assunto...
- EVONÊ - (Cortando) Nada disto, mamãe. Não há razão para estarmos ocultando uma da outra os nossos verdadeiros sentimentos. Se formos leais e sinceras... mesmo a despeito do que possa vir a acontecer, poderemos salvar uma amizade que deve e precisa existir entre nós. Se começarmos a fingir e a ocultar uma da outra aquilo que verdadeiramente estamos sentindo, então, fatalmente, acabaremos por não mais nos tolerarmos uma á outra. (Pausa) Eu quero e preciso saber a verdade. (Pausa) Pela última vez eu lhe faço a pergunta, mamãe: você jura pela memória de papai que não existe absolutamente nada entre você e Alexandre?

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE AFASTADA.

ASSUNTA - (afastada) O jantar está servido. Vamos para a mesa? Olhem que não é cedo.

IRIS - Sim, vamos. (Tom) Venha, minha filha. Depois do jantar teremos bastante tempo para discutir este assunto.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TENSA.

ASSUNTA - Você cameu pouco e falou menos, menina. O que há com você?

EVONÊ - Nada. Não estou muito disposta.

ASSUNTA - Pareceu-me ter chegado tão bem da cidade e agora, de repente, tornou-se pensativa e taciturna...

IRIS - Ele estava se queixando de cansaço, lá no quarto. Talvez seja por isso.

ASSUNTA - Essa menina abusa das próprias energias. Vai ver que toda a tarde andou de um lado para outro na cidade. Não sabe fazer nada com método...

EVONÊ - Óra, Assunta, não se preocupe. Deixe que isso passe.

ASSUNTA - Não gosto de lhe ver assim abatida. Isso me aflige. É sempre tão viva... tão alegre... por vezes, até, torna-se barulhenta e espalhafatosa... Quando a gente vê uma criatura como você assim dessa maneira a gente estranha e até se assusta.

IRIS - Será bom que hoje ela se deite mais cedo para descansar.

ENOË - Não, mamãe. Não pretendo fazer isto. Temos muito que conversar de coisas.

IRIS - Mas o que temos a conversar pode-se muito bem deixar para amanhã. Não me parece que seja um assunto assim tão inadiável.

ENOË - Para mim é. E agora peço licença para me retirar da mesa. Vou subir por uns instantes ao meu quarto. Mais tarde irei ao seu, Mamãe.

IRIS - Está bem, minha filha.

CONTRA JAGRA - AFASTAR CADEIRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM.

ASSUNT/ - Essa menina não está regulando muito bem hoje. Deve ter sido picada por cobra.

IRIS - Aborrecimentos próprios da idade, Assunta. No fundo, vai se ver, é uma insignificancia tão grande que não vale uma ruga de preocupação. Certamente algum namorado que passou por ela na cidade e fingiu não vê-la.

ONTROLE - CORTINA MUSICAL.

MIMOSA - Você não vai sair hoje, meu filho ?

ALEXANDRE - Mais tarde sim, mamãe. Daqui a uma hora, talvez.

MIMOSA - Que bom, meu filho ! Só assim a mamãe poderá ficar um pouco na sua companhia. Parece mentira que moramos juntos e quasi nunca temos oportunidade de conversar. Você anda sempre correndo. Que vida, meu filho.

ALEXANDRE - É a vida de todo o médico, mamãe. Todo o que quer trabalhar e fazer nome, já se vê.

MIMOSA - Mas é demais, meu filho. Eu às vezes fico tão preocupada. Chego a ter a impressão de que o que você come nem lhe adianta nada. Sempre às carreiras. Deita tarde... ainda por cima tem insônia...

ALEXANDRE - Já estou habituado a essa vida, mamãe. E depois que a gente habitua não estranha mais.

MIMOSA - Eu às vezes chego a pensar a ter pena da mulher que casar com você. Terá o marido em prestações e... tão pequenas! (Tom) Ah, meu filho, eu agora me lembrei: a dona Altamira me contou que, hoje é tardinha, viu você de automovel em companhia de uma moça ?

- ALEXANDRE - Que coisa louca, mamãe! Como as notícias correm depressa!... Olhe que isso se passou às sete e meia da tarde. Eu cheguei em casa às oito e pouco e a senhora já sabia?
- NINÓSA - Pois eu estava na janela e sua espera deviam ser oito horas, mais ou menos. Ela passou e me disse assim: "Vi seu filho agora mesmo, ia num taxi com uma pequena muito elegante. Passou enfiadinho e mim mas nem me viu." (Tom) E já com a sua costumeira malícia acrescentou: "Isto é... não me viu se eu fingiu não ver, a gente nunca pode saber bem ao certo." (Tom) Eu ia lhe falar logo que você chegou mas comecei a fazer uma coisa, a ver outra... acabei esquecendo. Agora que me lembrei.
- ALEXANDRE - Ainda bem que ela não fez nenhuma referência desabonatória à pequena, o que não seria nada de extranhar na dona Altamira.
- NINÓSA - Quem era ela, meu filho?
- ALEXANDRE - A filha de dona Irís que eu, casualmente, encontrei na fila do ônibus e ofereci para levá-la em casa.
- NINÓSA - A única coisa que ela disse é que a pequena era muito elegante.
- ALEXANDRE - E é realmente, mamãe. Além disso... é bonita e inteligente.
- NINÓSA - É a tal que você me falou que chegou de São Paulo?
- ALEXANDRE - Exatamente.
- NINÓSA - Mas se eu não me engano... você, a princípio, parecia ter uma viva antipatia por ela, não?
- ALEXANDRE - Tinha mesmo. Não gostava do seu modo franco de mais para dizer as coisas. Mas depois fui me habituando com o seu modo de ser e acabei por compreendê-lo e admirá-lo.
- NINÓSA - E não será ela... a causa das suas noites de insônia, meu filho?
- ALEXANDRE - Não, mamãe. Há de confessar que ela esteja causando em minha vida uma impressão muito estranha, essa impressão ainda não chegou ao ponto de me roubar o sono. Causou, apenas - isso eu não posso negar - uma confusão muito grande no meu espírito.
- NINÓSA - Confusão? Por que, meu querido?
- ALEXANDRE - É que antes dela chegar eu estava completamente apaixonado por uma outra creatura.

- NINÓSA - Eu sei. Dona Iris.
- ALEXANDRE - (Um salto) Quem lhe disse, mamãe?
- NINÓSA - O meu coração de mãe. Foi tanto o que eu me preocupei com você e lhe vigiei o sono, que acabei ouvindo frases e palavras soltas que me conduziram ao caminho da verdade.
- ALEXANDRE - Eu caí enquanto dormia?
- NINÓSA - Muitas vezes. E éra sempre o nome de dona Iris que eu desentoeve entre as palavras confusas que você balbuciava. Calculai logo, essa creatura tem que viver muito no cérebro do meu filho para que ele sonhe tanto com ela. Mas prosiga: que você estava dizendo. Antes da filha chegar de São Paulo você estava completamente apaixonado pela mãe.
- ALEXANDRE - Sim. E embora como médico tivesse feito tudo para que seu Haroldo vivesse, como homem sentia-se libertado o dia em que ela expirou.
- NINÓSA - Meu filho!
- ALEXANDRE - Que fazer, mamãe? Há pensamentos que nos assaltam com tal brutalidade que não encontramos dentro de nós mesmos uma força suficientemente forte para afastá-los.
- NINÓSA - Mas continue o que estava dizendo, meu filho. Amava a mãe e depois que a filha chegou transferiste a paixão para a pequena, não foi?
- ALEXANDRE - Não é bem assim, mamãe! Há uma confusão no meu espírito. Se penso em Iris penso com amor mas as atraz dessa lembrança vem uma outra que envolve Knos, eu fico como um viajante que se encontra entre dois caminhos e não sabe, com precisão, qual o que o levará ao seu verdadeiro destino. Chego a investir por um deles mas logo penso: se não é este o caminho? imediatamente retrocedo. Fango no entre e a mesma dúvida me assalta. No fim... permaneço parado à beira da encruzilhada, sem força para decidir-me.
- NINÓSA - Meu filho, a mamãe não quer propriamente aconselhar-te, porque no assunto de amor o único conselheiro deve ser o coração do quem ama. Se ele está indeciso, como acontece ao teu, também não se deve procurar precipitar os acontecimentos. Deve-se esperar pacientemente.

MIMÓSA - dando tempo ao tempo para que ele resolva aquilo que não nos parece possível resolver. A mim, embora não conheça dona Iria, mesmo sabendo por você que ela é ainda bastante moça e bonita, parece-me mais acertado que você se incline pela filha. Está mais de acordo com você na idade e embora isso não pareça ter importância a princípio, depois que passe o entusiasmo dos primeiros tempos do casamento, isso pode ter uma influência capital. Em todo o caso, como eu já lhe disse, isso não é um conselho e' apenas uma opinião. Se tivesse que lhe dar um conselho, eu me limitaria a lembrar-lhe aquele lema tão conhecido mas bastante verdadeiro: "Não parar... não recuar... mas não precipitar."

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

JOCUTOR - Publicidade

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CELESTE - Onde está ela ?

REBECA - No quarto.

CELESTE - Preparando-se para dormir ?

REBECA - Qual o que! A meu ver... preparando-se para esperá-lo.

CELESTE - Temos que evitar que isso aconteça.

REBECA - Não acho muito fácil.

CELESTE - Por que ?

REBECA - Eles parece que combinaram qualquer coisa esta tarde.

CELESTE - Hein?! Como sabes ? Ela te disse qualquer coisa ?

REBECA - Dizer, propriamente, não disse. Mas pelos preparativos todos e uma ou outra palavra que tem deixado escapar eu pude chegar á conclusão de que estiveram juntos e combinaram que ele viria.

CELESTE - Isso é um absurdo. Eu não posso compreender a levandade com que essa menina procede.

REBECA - Levandade por que, dona Celeste? Ele é casado?

CELESTE - Bem... casado, não, mas... de qualquer maneira não se justifica que essa menina vá procurar justamente distrair-se á custa de um rapaz a quem devemos tanta gratidão.

- REBECA - A senhora quer que eu lhe diga uma coisa com franqueza? Não me parece que a dona Enoc esteja procurando dizer-se à custa do doutor Alexandre.
- CELESTE - O que queres dizer com isto? Achas que ela gosta dele de verdade?
- REBECA - Está me parecendo. É sendo assim...
- CELESTE - Não pode ser. Isso não pode acontecer. Não deve acontecer.
- REBECA - Mas por que, dona Celeste? Se são ambos solteiros... ser nenhum com promessa, o que tem?
- CELESTE - Tem que dona Iris não deseje esse casamento e nós temos a obrigação de procurar impedi-lo, entendeu? E não me faça mais perguntas nem me dê palpites. Limite-se a obedecer-me.
- REBECA - Está bem, dona Celeste, desculpe. Eu não pensei que pudesse contrariá-la.
- CELESTE - Sabe o que tem a fazer, não sabe?
- REBECA - Impedir que eles se encontrem.
- CELESTE - Justamente. Portanto vá se colocar imediatamente no seu posto.
- REBECA - Mas...?
- CELESTE - (Depois de pausa). Mas o que, creatura? O que há mais? Fala... diga...
- REBECA - É que... dona Enoc já me dispensou do serviço por hoje... disse que eu podia ir para casa...
- CELESTE - Mas você não vai. E se for preciso dormirá aqui.
- REBECA - Ela não se aborrecerá vendo que a desobedeço?
- CELESTE - Diga que fui eu que lhe pedi para ficar.
- REBECA - Está bem.
- CELESTE - E agora vá. Fique rondando a porta de entrada, ou melhor, olhando através dos vidros a chegada dele. Se puder impedir que ele veja a campainha tanto melhor. Quando ele transpuser o portão do jardim abra logo a porta, receba-o e trate logo de levá-lo para o quarto de dona Iris.
- REBECA - Mas e... se dona Enoc estiver no quarto da mãe, o que faço?
- CELESTE - Leve-o para o seu quarto e avise-me no mesmo instante.
- REBECA - Está bem.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENOE - O que há, Rebeca?

REBECA - Tenho uma coisa muito séria para dizer-lhe.

ENOE - Fala então. O que esperas?

REBECA - Acabo de receber instruções para desviar o doutor Alexandre de senho-
ra.

ENOE - Como foi que disseste?

REBECA - Acabo de receber ordens de procurar evitar que o doutor Alexandre se
encontre com a senhora.

ENOE - Quem te deu essas ordens?

REBECA - Dona Celeste.

ENOE - E sob que alegação? Não lhe perguntaste?

REBECA - Disse que foi dona Iris quem ordenou que assim se procedesse.

ENOE - Minha mãe?!... Será possível que minha mãe seja mesmo capaz de ta-
manha baixeza? Custa-me acreditar.

REBECA - Disse mais: que não deseja o seu casamento com o doutor Alexandre e
que haverá de evitá-lo a qualquer custo.

ENOE - Minha mãe não terá tido o senso de observar que não pôde lutar con-
tra" que é ridículo da sua parte procurar afastar-me de um amor que
por todos os motivos cabe muito mais a mim do que a ela? Que é injus-
to o que está pretendendo fazer? Que é rasteiro... é mesquinho...

REBECA - Dona Enó... eu não posso ficar aqui. Tenho que permanecer no hall
para evitar que ele bata a campainha e levá-lo imediatamente ao quar-
to de sua mãe. O que quer a senhora que eu faça?

ENOE - DEPOIS que o tenhas levado até lá vem avisar-me. É só.

REBECA - Mas por favor, não esqueça sem um momento que dona Celeste não deve
nem sequer imaginar que eu lhe contei qualquer coisa. Eu sofreria
muito e a senhora me passaria com um mal muito grande o bem que estou
procurando fazer-lhe.

ENOE - Não te preocupes. Já te prometi que saberia guardar segredo e não de-
ves ter a menor dúvida neste sentido. Vai, anda. E não esqueças de
me avisar a chegada dela.

REBECA - Pode estar descansada. Com licença.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

- IRIS - Eu não sei mais o que fazer, Celeste. Juro-lhe. Estou completamente aturdida. É como se tivesse levado uma pancada fortíssima na cabeça. Tanto reerguer-me mas tudo gira em meu redór e eu sinto que vou cair.
- CELESTE - E por que não lhe dis francamente toda a verdade ?
- IRIS - Tem que seja pior, Celeste. Enó tem se revelado uma menina cheia de caprichos, alucinada pelas aventuras, inteiramente dominada por um extranho desejo de luta e de vitória. Se souber que me antepoño aos seus projetos, mais se avivará nela a vontade de vencer.
- CELESTE - Pois eu penso justamente ao contrário da senhora. Que ela, sabendo os verdadeiros motivos da sua oposição, nem pensará, sequer, em dispu-
tar-lhe a posse de um homem a quem ela nem chegou a amar.
- IRIS - Esta é justamente a minha dúvida maior. Ela o amará realmente ou es-
tará apenas pensando em satisfazer o seu amor próprio ?
- CELESTE - É isso, pode crer. Simplesmente isso. Valdade de poder dizer que pos-
sôra de campo uma rival. Mas eu estou certa de que ela renunciará a
esse gosto, desde que essa rival seja a sua própria mãe.
- IRIS - Não sei, Celeste, não sei. Não estou bem certa de que ela seja capaz
de semelhante gesto.
- CELESTE - De qualquer forma, me parece que não custa tentar. Si ela já perce-
beu qualquer coisa, como lhe disse... uma vez que não é possível oc-
ultar-lhe tudo, vamos então contar tudo.
- IRIS - (Depois de pausa) Bem... vamos a ver. Si eu perceber que não encontro
outra saída... jogarei essa última cartada.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TENSA.

- ENOE - Não posso esperar mais! Estou aflita, agoniada... Preciso aclarar es-
sa dúvida. Ele está demorando e eu já não tenho mais forças para con-
ter a minha dolorosa ansiedade. Preciso saber tudo. Preciso ter a
certeza da verdade! E si eles realmente se amarem? Eu terei forças
para renunciar ?

CONTRA REGRA - UMA BATIDA DE RELÓGIO. AFASTADA.

- ENOE - Nove e mais e Alexandre não chega! E eu precisava falar-lhe agora. Neste momento mesmo. Dizer-lhe tudo com franqueza, sem subterfúgios. Tudo claramente, sem muitas palavras... E exigir que ele me respondesse da mesma forma. Assunta é que tinha razão quando ainda há bem poucos dias me dizia...
- ASSUNTA - (Voz de sopra) - Cuidado, menina! Com essas coisas de coração a gente não brinca. Lembre-se que nunca se sabe o que pode acontecer. O mundo dá muitas voltas e numa delas a gente pode tontear e cair.
- ENOE - E é justamente o que eu sinto que está acontecendo comigo. Começo a me surpreender completamente tonta e não sei se terei forças para não cair. (Pausa e tom) Bem... não posso esperar mais. É uma vez que não encontro em mim mesma a resignação para esperar Alexandre e interrogá-lo... vou ao quarto de mamãe falar com ela.
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL.
- ENOE - Sabe o que vim fazer aqui, não sabe?
- IRIS - Dar-me o seu beijo e desejar-me boa noite, como sempre.
- ENOE - Não, mamãe. Aqui estou unicamente para fazer um desesperado apelo à sua lealdade. Quero a resposta da pergunta que lhe fiz antes do jantar...
- IRIS - Que pergunta, minha filha? Eu já nem me lembro mais.
- ENOE - Quero que você me jure, pela memória de papai, que não tem absolutamente nada com o doutor Alexandre. (Pausa) Vamos, jure. (Pausa) Eu estou esperando.
- IRIS - (Depois de pausa, insegura) Não, minha filha... eu não posso jurar.
- ENOE - Peço-lhe que observe bem que a sua negativa vale por uma confissão.
- IRIS - Eu sei, minha filha.
- ENOE - Vocês se amam, então?
- IRIS - (Depois de pausa) Si... sim.
- ENOE - E pensam casar-se?
- IRIS - Sim. Ele desejava que o fizéssemos dentro de mais um ou dois meses mas eu já lhe declarei que dentro de um ano não desejo discutir o assunto.

- ENOE - E por que?
- IRIS - Pelos comentários que certamente haveriam de surgir. Faz muito pouco tempo que perdi seu pai.
- ENOE - Não é razão. Todo o mundo sabe perfeitamente que você não éra feliz com ele e a ninguém assistirá o direito de criticar o seu desejo de fazer as pazes com a vida.
- IRIS - Quer dizer, então... que você aprova o nosso casamento?
- ENOE - Eu não disse isto. Limitei-me a não conceder ao povo o direito de censurar que você voltasse a procurar uma felicidade que perdeu.
- IRIS - Mas, afinal... admitindo-se que eu cedesse ao seu desejo de Alexandre e aceitasse o seu pedido de casamento... você estaria contra eu a favor?
- ENOE - Não estaria nem contra e nem a favor. Permaneceria de parte e simplesmente como expectadora.
- IRIS - Mas eu não aceitaria essa sua atitude. Queria que você se manifestasse por uma ou outra coisa.
- ENOE - Eu não encontraria razões com que pudesse justificar uma oposição mas seria desleal e insincera se lhe dissesse que faria gosto.
- IRIS - E por que? Posso saber?
- ENOE - Por uma razão muito simples mas que eu prefiro silenciar.
- IRIS - Mas eu prefiro que você a revele.
- ENOE - Quer realmente saber? Faz absoluta questão disto?
- IRIS - Claro, minha filha. Não desejo sinceramente outra coisa.
- ENOE - Pois então saiba: é que eu também o amo.

CONTROLE - ACORDE SECO E DRAMÁTICO EM CIMA DA ÚLTIMA PALAVRA DA FRASE ANTERIOR, SEM JUNTAR A CENA

- IRIS - Minha filha?
- ENOE - Amo-o, sim, mamãe. Desgraçadamente a verdade é esta. E vou dizer-lhe ainda uma coisa que talvez o fira profundamente mas que eu não posso contar.
- IRIS - Fale, minha filha. Diga tudo o que sente. É isso justamente o que eu desejo.
- ENOE - Amo-o e não estou disposta a cedê-lo a quem quer que seja! Nem mesmo à minha mãe!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO!

Novela de ERICO CRAMER

18º CAPÍTULO

AValiação:
27.10.2011

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

LOCUTOR - Com esta característica, vai aos vossos receptores mais um capítulo da emocionante novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBRE UM MOMENTO A CARACTERÍSTICA

LOCUTOR - Anoiteceu. Descansa Coração!...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERÍSTICA EM CAI EM B/G.

LOCUTOR - Ao encerrarmos o décimo sétimo capítulo desta novela, deixamos Iris Berlinck e sua filha Enô no quarto da primeira, ambas presas de martirizante agonia, uma procurando ocultar o seu sentimento de amor profundo e ardente e a outra buscando, a todo o custo, desvendá-lo.

IRIS - Admitindo-se que eu acedesse ao desejo de Alexandre e aceitasse o seu pedido de casamento, você... estaria contra ou a favor?

ENOÊ - (Depois de pausa) Ouça, mãe: eu seria desleal e insincera se lhe dissesse que faria gosto.

IRIS - Mas por que? Posso saber?

ENOÊ - Porque... eu também o amo.

CONTROLE - ACORDE SECO E DRAMÁTICO, NA ÚLTIMA PALAVRA DA FRASE, SEM CORTAR A CENA.

IRIS - Minha filha!...

ENOÊ - Amo-o, sim, mãe. Desgraçadamente a verdade é essa. E vou dizer-lhe ainda uma coisa que talvez a fixe profundamente mas que eu não posso contar.

IRIS - Fale, minha filha. Diga tudo o que sente. É isso, justamente, o que eu desejo.

ENOÊ - Amo-o e não estou disposta a cede-lo a quem quer que seja. Nem mesmo à minha mãe!

CONTROLE - REPETE O ACORDE ANTERIOR, TAMBÉM SEM CORTAR A CENA.

- IRIS - (Pausa pesada, controlando a emoção, lêve sa...ismo) Você fala em me dê-lo como se ele já lhe pertencesse. Como se você tivesse sobre ele todos os direitos.
- ENOÊ - Ainda não tenho nenhum direito mas tenho "todas as esperanças."
- IRIS - Esperanças... dadas por ele ?
- ENOÊ - Talvez.
- IRIS - Não creio. Você está apenas querendo ferir-me.
- ENOÊ - Se não cre... tanto faz. Eu sei porque digo... e espero.
- IRIS - Não posso crer que Alexandre seja capaz de tamanha indignidade.
- ENOÊ - O coração que ama com alvoroço é capaz de todas as baixezas para a conquista do seu objetivo. Fere sem compaixão e trai sem o menor remorso.
- IRIS - Minha filha... quando você chegou a esta casa o coração de Alexandre já me pertencia. Por que tenta roubar-m'o?
- ENOÊ - Porque você com a sua dissimulação e a sua deslealdade, permitiu que eu me apaixonasse por ele. Se me tivesse dito lealmente a verdade, naquela noite em que estávamos as duas conversando no seu quarto e ele assomou de repente à porta, eu o teria imediatamente posto à margem das minhas cogitações e não teria permitido que se desenvolvesse e se transformasse em amor, a simpatia e a curiosidade que ele instantaneamente me inspirou. Mas você não quis ser sincera. Quis Dissimular. Quis ocultar um sentimento tão natural como é esse de uma mulher gostar de um homem. Preferiu as atitudes sórdidas de escondê-lo de mim, de evitar que nos encontrássemos, de mandar vigiar-me... E quer agora acusar-me de tentar roubá-lo? Não. Não lhe concedo esse direito. Não e não !
- IRIS - (Chorosa) Minha filha... se você soubesse como me magoam as suas palavras!... Se soubessem como elas me ferem o coração!... Como é penoso e cruel para mim ouvir, de seus lábios, tão tremendas acusações!... Si eu errei... si andei mal, ocultando-lhe a verdade... si usei de atitudes pouco lícitas para afastá-la do seu convívio... não foi pelo prazer de ser desleal para com você, acredite.

IRIS - Foi, precisamente, pelo medo de que acontecesse [redacted] que está acontecendo e pelo recato de confessar-lhe um amor que me dominava o coração, tão poucos dias após haver perdido seu pai. Pareceu-me que aí, então, você poderia julgar-me deshonesta e guardar, intimamente, a desconfiança de que eu tivesse sido infiel a Haroldo. Juro-lhe que foram esses, somente os sentimentos que originaram as minhas atitudes neste caso.

ENOË - Bem, mamãe, o que está feito está feito e não vale a pena, agora, invocarmos razões para desculpar o que fizemos mal feito. Agora só nos resta tocarmos para a frente e lutarmos, ambas, pela conquista da nossa felicidade. Mas lutarmos com elevação moral e com lealdade, sem usarmos torpes artimanhas e propósitos mesquinhos que só serviriam para nos deprimir e aviltar aos nossos próprios olhos.

IRIS - Não, minha filha, eu não quero lutar contigo. Se não te encontrares com forças para renunciar à conquista do Amor de Alexandre, renunciarei eu.

ENOË - Não aceito a sua renúncia. Ela soaria em mim como uma esmola e sou demasiado orgulhosa para recebê-la. Além do mais, você me roubaria a oportunidade que se me apresenta de adquirir a certeza de que ele me havia preterido ou preferido. Quero vencer, sim, não escondo, mas vencer no campo da luta e não de arma na mão.

IRIS - Mas eu já te disse que não quero lutar contigo.

ENOË - Mas eu lhe obrigarei a fazê-lo.

CONTRA REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA, AFASTADAS.

IRIS - (Projatando) Entre.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE.

CELESTE - (afastada) Dona Iris... a senhora... a senhora vai querer tomar alguma coisa antes de dormir?

IRIS - Não Celeste.

CELESTE - Com licen...

IRIS - (Cortando) Um momento, Celeste. Alexandre está aí, não é?

CELESTE - Não... isto é... Chegou agorinha mesmo, dona Iris. Está esperando...

IRIS - (depois de pausa) Pode mandá-lo entrar para aqui.

CELESTE - Para... para aqui? Sim senhora, com licença.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE FECHA.

ENOC - Vai começar a partida. O primeiro lance será seu. Eu me retiro para deixar o campo livre de qualquer impedilho.

IRIS - Não quer ficar?

ENOC - Não. Quando chegar a minha vez entrarei com o meu jogo. Só espero que você não faça sair as escondidas pela porta da sala de jantar. Com licença, mamãe. Desejo-lhe felicidades.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

IRIS - O que tem você hoje? Parece tristonho...

ALEXANDRE - Cansado, talvez. Tenho trabalhado demais. Penso até que estou abusando das minhas energias.

IRIS - Não, Alexandre, você não está dizendo a verdade. Você tem uma preocupação qualquer que lhe está perturbando a calma e a alegria que o tornam um companheiro agradável e desafiado. Naturalmente que não irei insistir com você para que me conte aquilo que você está procurando esconder: se lhe falo assim é unicamente para que você perceba quanto os meus olhos são capazes de ir buscar, no fundo das coisas, uma sombra qualquer que os entristeça. É que o meu coração já se enraizou de tal forma à sua vida e vive de tal maneira debruçado às janelas de sua alma que qualquer movimento interior é imediatamente registrado por mim, assaltando-me, no mesmo instante, o desejo sincero e ardente de afastar as sombras do seu caminho e inundar novamente de luz os menores recessos de sua alma!

ALEXANDRE - A sua imaginação, às vezes, se excede em fertilidade, Iris. Neste momento, por exemplo, ela está fazendo de um argueiro um cavaleiro. A preocupação que você talvez encontre refletida nos meus olhos, é a mesma que devem ter todos os médicos conscientes, quando um dos seus enfermos se encontra em luta terrível contra a morte.

IRIS - Não descreio da sua justificativa e concordo em que ela é perfeitamente razoável, mas... não sei... talvez seja o meu instinto de mulher que me queira segredar baixinho ao coração que o seu doente em luta com a

IRIS.. - morte não é propriamente o motivo mas antes a culpa.

ALEXANDRE - Nesse caso... não lhe diz também o seu instinto de mulher que ama qual será então o verdadeiro motivo?

IRIS - Uma luta de consciencia, talvez... Desejo de retroceder por um caminho tomado afoita e erroneamente, não sei...

ALEXANDRE - Nada disso. Você é que está hoje diferente. Fugiu um pouco àquela apatia constante dos dias anteriores mas deixou que sua mente fosse tomada, de assalto, por pensamentos sombrios.

IRIS - Pois bem, já que você me afirma que o mal está em mim e não em você, farei empenho em desprezar os pensamentos sombrios - como você os qualificou - e tratar de viver com satisfação esta hora agradável que você me concede em sua convivência. É para começar, vou comunicar a você uma resolução que tomei esta noite, num dos meus longos períodos de insônia.

ALEXANDRE - Pois não. Fale.

IRIS - Pensei mais uma vez em tudo que você me tem dito sobre a minha ideia de não tentar a reconstrução da minha vida antes do período de um ano após a morte de Haroldo e resolvi que...

ALEXANDRE - (depois de pausa) Fale. Que resolveu?

IRIS - É que... compreendi, finalmente, que não me cabe o direito de obrigá-lo a esperar tanto tempo por mim e... e estou disposta, Alexandre, a tornar-me sua esposa no tempo que você quiser. (Pausa. Transição para recepção) Como?! Não lhe causa alegria a noticia dessa resolução? Por que, súbitamente, essa ruga enevoando o seu semblante? (Pausa) Vamos, fale... Então não compreende que o seu silencio me tortura?

ALEXANDRE - É que... eu queria que você compreendesse bem o que se passa comigo. Iris... eu... eu assumi compromissos, entende?...

IRIS - Que espécie de compromissos?

ALEXANDRE - Compromissos de ordem material... Meti-me, com outros colegas, na construção de um hospital e... Você compreende, eu... você me declarou tantas vezes, que antes de um ano não queria voltar a ouvir-me falar no

assunto... Eu... eu nunca pensei que de uma hora para outra você pudessem mudar a sua resolução e...

IRIS - Compreendo. Antes que esses compromissos sejam cumpridos você não poderá assumir qualquer outro, não é isso?

ALEXANDRE - Exatamente.

IRIS - Está bem, Alexandre... eu esperarei. Nunca seria eu capaz de insistir em qualquer atitude que pudesse parecer aos seus olhos imprudência. Só lhe peço que me responda com a maior sinceridade a uma pergunta que lhe vou fazer.

ALEXANDRE - Pois não?

IRIS - Além dessa desculpa não existirá outro qualquer motivo?

ALEXANDRE - (depois de pausa, inseguro) Não.

IRIS - Quero crer em você, Alexandre. Aceito a negativa.

ALEXANDRE - (depois de pausa, Tom) Bem... vamos fazer agora a sua injeção porque ainda quero passar no hospital para ver o doente que está me preocupando.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CELESTE - Chamou, dona Iris?

IRIS - Sim, Celeste. Acompanhe o doutor que ele quer se retirar.

CELESTE - Pois não.

IRIS - Leve-o pela porta da frente, ouviu Celeste?

CELESTE - Pela por... (caíndo) Está bem, dona Iris.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENOË - Já vai, doutor?

ALEXANDRE - Sim. Quero ainda passar no hospital para ver um doente.

ENOË - Que pena! Eu estava aqui tão entediada! Quando lhe vi pensei assim: "que bom! Agora vou conversar um pouco com o doutor e naturalmente me distrairei." Mas se o senhor está assim com tanta pressa eu não quero retê-lo.

ALEXANDRE - Bem... quer dizer... com pressa propriamente eu não posso dizer que esteja...

ENOË - Não seria imprudência de minha parte pedir-lhe que ficasse por mais uns dez ou quinze minutos?

ALEXANDRE - Absolutamente. Terei o maior prazer.

ENOË - Celeste, pode deixar que eu depois acompanharei o doutor até à porta.

CELESTE - Pois não. Com licença. Boa noite doutor.

ALEXANDRE - Boa noite.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM

ENOË - Vamos sentar?

ALEXANDRE - Pois não. (Movimento. Pausa) Estava lendo?

ENOË - Tentando ler... mas era tão grande a inquietação do meu espirito que não consegui concentrar a minha atenção e não fui além de meia dúzia de linhas.

ALEXANDRE - (lendo o título do livro) "Não estamos sós" James Hilton.

ENOË - Que coisa interessante! Sem sequer me lembrar do título desse livro, eu estava justamente a pensar que, embora aparentemente estivéssemos apenas nós dois nesta sala... ainda assim não estávamos sós.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

LICUTOR - P U B L I C I D A D E.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE - O que foi que você disse?

ENOË - Que você leu o título desse livro justamente quando eu estava a pensar que nós não estávamos sós nesta sala.

ALEXANDRE - Como assim? Haverá mais alguém que eu não veja?

ENOË - Há.

ALEXANDRE - (coçando) Francamente... você me assusta.

ENOË - Há uma sombra entre nós... e ambos estamos a nos lembrar dela.

ALEXANDRE - (a medo) Você se refere a...

ENOË - Mamãe!

CONTROLE - APONTADA SECA E TRAGICA, SEM CORTAR A CENA.

ALEXANDRE - Enôê!

ENOË - Buscamos aproximar-nos... mas ela nos separa. Nossas almas se desejam mas se esbarram com ela de permeio. Queremos ser livres, para pertencer um ao outro, mas ela nos alimpa e nos escorevisa. Anoiámos estar a

- só mas ela nos persegue! (Pausa) Por que me olha desse modo? (Pausa)
Vamos, fale. Diga o que está sentindo.

ALEXANDRE - Estou admirado da sua perspicácia e do seu desassombro! Invejo-lhe
essa franqueza de dizer o que sente sem temor do que pensar.

ENOË - Sempre fui assim. E embora a vida por vezes nos obrigue a fingir, para
sermos felizes, eu não consigo dominar esse impulso de lealdade que
extravasa de mim nos momentos precisos em que a verdade deve aparecer.
Sei que me torno antipática e muitas vezes até cruel mas não me sinto
com forças para modificar a minha natureza.

ALEXANDRE - E nem deve procurar modificá-la. Nisso reside a sua maior força e
talvez até o seu maior encanto. (Pausa e tom) Quer responder a uma
pergunta minha?

ENOË - Sim.

ALEXANDRE - Que devo fazer?

ENOË - Diga sim ao seu coração.

ALEXANDRE - Magoei profundamente sua mãe.

ENOË - Não importa. Será sincero com ela e com você mesmo. Para proceder ao
contrário, a máscara da mentira haveria de cair um dia e, então, sua
mágoa haveria de ser cem vezes maior.

ALEXANDRE - Você tem razão. A solução verdadeira é a verdade crua, ainda que ela
fira como agudo punhal. (Pausa) Quer conceder-me alguns dias de espe-
ra?

ENOË - *Sim, mas* Desde que você diga agora que me ama...

ALEXANDRE - Amo-a, sim, Enoë. Com o mais exaltado e fremente dos amores! Como
nunca pensei que poudesse, um dia, vir a amar alguém! (Pausa longa
para beijo. Suspiro de desabafo) Meu amor !...

ENOË - (voz abafada de emoção) Querido!... Mil vezes querido!... Como eu te
amo!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL SUAVE E BONITA.

CELESTE - Ele já foi?

REBECA - Neste momento saiu.

CELESTE - Conseguiste escutar o que diziam?

REBECA - Não foi possível. Logo que os dois se sentaram no sofá, eu fui me aproximando, nas pontas dos pés, pelo corredor. Cheguei até à porta da sala e ali me deixei ficar, oculta pelo reposteiro. Não demorou muito tempo ouvi perfeitamente quando ele disse a ela: Não estamos sós. Percebi que a piada era comigo e debandei pelo corredor.

CELESTE - Talvez tivesses movido o reposteiro e ela se apercebesse da tua presença.

REBECA - É a única coisa que eu penso poder ter acontecido.

CELESTE - Foi pena. Eu precisava saber o que conversaram elas.

REBECA - Não se preocupe. Amanhã darei um jeito de sabê-lo. Ela própria me contará tudo.

CELESTE - Bem... podes ir para casa. Chama um automóvel para levar-te. Aqui tens o dinheiro.

REBECA - Obrigada, dona Celeste.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

SIMÃO - Que horas tão tarde que vem parra o casa, meu filha! Tu foi na cinema?

REBECA - Cinema coisa nenhuma, velho. Cinema foi o batente até agora.

SIMÃO - Seu Bartoldo, na tempo do vida do ele, nem soltava meu filha tão tarde.

REBECA - Dormia cedo. Era parafítico, não podia mover-se, não fazia outra coisa sinão comer e dormir. Mas a filha é sã, velho. Bem sã. E ela não acredita em paralisia. Ela quer é movimento. Mas não faz mal, não. Desde que o trabalho renda eu não me importo de trabalhar. Estás vendo isto aqui?

SIMÃO - Cincoenta cruzzeirras ?!

REBECA - (dando-lhe um tapa na mão) Tira a mão daí, velho gato. Cincoenta cruzzeirras mas não são para tí. Ganhei-os de dona Enocé de uma servilinho que fiz para ela. Estás vendo aqui este outro?

SIMÃO - Vinte cruzzeirras ?!

REBECA - (idem) Solta o dinheiro que eu já tediisse que não é para tí. Esse ganhei de dona Celeste para vir de automóvel para casa. Vim de bonde, como sempre e guardei o cobre pra mim.

- SIMÃO - Deixa ver aquele otro perriquita vérdesinha, meu filha.
- REBECA - Os cincuenta cruzeiros? Está aqui. (alto e rápido) Ai não, velho.
- SIMÃO - Deixa só passar o mom em cima do ela, minha filha! Tanto tempo que a Velho Simon nem segurra uma dinheirro de tanta valor.
- REBECA - Não tem nada que passar a mão. Eu te conhaço. Se te pilhas com ela, nunca mais me devolves.
- SIMÃO - Só um cartícia, bem divagatrinho com os pontinhos das dedos, meu filha deixa.
- REBECA - Já te disse que não, velho. Acaba com isso. Parece que fica louco quando vê dinheiro, cruzes!
- SIMÃO - É um coisa que a velho Simon só vê das pequeninhas, da miudinhos trocadas... Anos faz muitos que velha Simon nem vê um nota de tanta valor. Rebeca filha bom nem é. Não quer deixei velha Simon só toquei na dinheirro.
- REBECA - Pois é, velho, eu não sou bôa mesmo. Não presto. Sai bem a ti.
- SIMÃO - Jót nhô! Que tristêza tòm grande.
- REBECA - Vai dormir, velho, vai. Vai dormir que o teu mal é sono. E eu também vou botar o corpo na vertical que estou caindo de cansaço e amanhã tenho que levantar muito cedo. Tchau!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

- ENOË - Ué, Assunta, você em pé ainda a essa hora?
- ASSUNTA - É que lhe pergunto: você ainda acordada a esta hora?
- ENOË - Não tenho sono Assunta.
- ASSUNTA - Não só o que há nesta casa oggi. Donna Ixis também está acordada até agora. Eu pelo meno está com a luz acêsa porque fui à copa procurar um digestivo para mim, que não estava me sentindo muito bem do estomaco e percebi, pela fresta, que havia luz no quarto dela. Agora passo aqui e encontro você ~~assim~~ também acordada. Celeste andou caminhando até tarde pela casa e não faz muito que se recolheu. Francamente... parece que o fantasma da insônia anda solto aqui dentro esta noite!

ENOË - Eu não tenho relações muito íntimas com esse cavalheiro mas hoje ele me visitou e eu, nem sei porque, o recebi.

ASSUNTA - Yo sei.

ENOË - Sabe nada, Assunta. O que é que você pode saber.

ASSUNTA - O que está acontecendo. Sou velha mas não sou cega. E o que está lhe acontecendo, menina, é justamente quello que eu estava prevendo e que tantas vezes lhe preveni.

ENOË - Já você está dando azas às fantasias da sua imaginação.

ASSUNTA - Nada disto. Estou tendo a prova do que digo em você mesma. Você que foi sempre tão franca, tão pronta e tão ávida para dizer as coisas, neste momento está procurando dissimular, procurando fingir e querendo esconder uma coisa que sente vergonha de confessar. Alardeou tanta indiferença, tanto controle, tanto domínio de si mesma frente ao amor que agora, surpreendida por ele e sofrendo por ele, não quer dar o seu braço a torcer. Vámo raganá, deixe de ser tola. Yo também já fui moça e sei muito bem como essas coisas são. Enquanto a gente não se sente tocada por ele, pensa que terá a energia suficiente para resistir e comandar os seus embates. Pensa que é só dizer "vá te embora, eu não te quero" e ele se afastar. Há não carania. É diferente. Muito diferente. A gente não o quer por qualquer motivo, manda-o embora mas ele teima e fica. E quanto mais a gente grita para que ele vá, mais ele se agarra na gente e fica. (Pausa e tom carinhoso) Você não quis ouvir a velha Assunta quando ela lhe disse que não brincasse com fogo... agora está aí cheia de queimaduras e sem saber que rimédio ha de botar sobre elas para que não lhe façam sofrer tanto. (Pausa longa) Vámo, fale... é verdade ou mentira o que io isto dizendo?

ENOË - (depois da pausa, abafada) É verdade, Assunta.

ASSUNTA - Ele não quer saber de você? Não acredita em você? nem é vero?

ENOË - Não assunta, não é isso.

- ASSUNTA - (Suspiro de alívio) Léra grazie a Dio que non é isso. Você me tira um grande peso da consciencia.
- ENOË - Por que? Que culpa você poderia ter se fôsse isso?
- ASSUNTA - Uma culpa maior, do que você pensa. Fui falar com ele no consultório para preveni-lo contra a sua volubilidade. Contra a sua intenção de divertir-se apenas. De querer apenas passar o tempo, expondo-o a vir gostar de você e sofrer muito por sua causa.
- ENOË - Você fez isso, Assunta? Você fez isso?... Não posso crer.
- ASSUNTA - Estou lhe dizendo que fiz e você sabe perfeitamente que io não minto.
- ENOË - Mas por que razão? Você sabe que, pela primeira vez, você me desapoiou profundamente?
- ASSUNTA - Non ha razão. Sua mãe tinha razão muito plausíveis de não desejar que você se divertisse com o pobre rapaz. Davia-lhe uma gratidão muito grande grande e não desejava pagar-lhe em moedas de fogo que lhe queimassem a alma.
- ENOË - Então... então foi, mamãe que lhe pediu que procedesse assim?
- ASSUNTA - Si, si foi ela. Mas você precisa comprehendere as razões que a levaram a me fazer semelhante pedido.
- ENOË - Compreendo muito bem as razões de mamãe. Compreendoad melhor, muito melhor do que você, Assunta. A você ela disse uma coisa mas a verdade era outra muito diferente.
- ASSUNTA - Como assim? Non estou entendendo o que você quer dizer.
- ENOË - É que mamãe também o ama, está entendendo agora?
- ASSUNTA - Santo ciello! Menina!
- ENOË - E a verdade, Assunta. Mamãe o ama e agora já se resolveu a confessar-me.
- ASSUNTA - Que horror mia fio! Que complicaçom orribile!... E agora? O que vai fazer você diante disso?
- ENOË - Até este momento eu estava em dúvida. Tinha pena dela e lutava comigo mesma para encontrar forças de renunciar. Mas desde que ela teve a coragem de usar de truques tão sórdidos, de armas tão traiçoeiras para me afectar de Alexandre...
- ASSUNTA - (pequena pausa) Vamos O que vai fazer, menina?
- ENOË - hei de empregar tambem todas as armas para derrotá-la!
- ASSUNTA - (susurro) Oh! Madonna Santa e Jesú Maria!...

ENOE - (numa gargalhada amarga e nervosa) A cara que você faz. Assunta!...
Uma cara tão assustada que até parece ter visto o diabo na sua frente!
(nova gargalhada) E você tem razão, Assunta. Talvez seja mesmo o diabo
que está em mim, neste momento. Estou me sentindo ná como só ele deve
ser! Hei de vencer, Assunta! Hei de vencer! E com que gosto hei de sa-
borear depois minha vitória! (gargalhadas sarcásticas)

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO.

FIN DO 18º CAPÍTULO

Marinho

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO!

Novela de: ÉRICO CRAMER

19º CAPÍTULO

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL

LOCUTOR - Esta característica assinala o início de um novo capítulo da sensacional novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA POR MOMENTOS

LOCUTOR - Anoiteceu. Descansa Coração!...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA NOVAMENTE E CAI EM E/G.

LOCUTOR - Ao final do capítulo anterior desta novela, deixamos Enô e dona Assunta, tarde da noite, no quarto da primeira, a discutir as razões que haviam levado dona Iris a se opor a um premeditado namoro de sua filha com o doutor Alexandre. E o capítulo finalizou quando...

ENOÊ - Não se opõe ao nosso namoro, Assunta, porque também o ama.

ASSUNTA - Que horror, meu Deus!... E agora? O que pensa você fazer?

ENOÊ - Até este momento eu estava em dúvida, tinha pena dela e procurava convencer a mim mesma que deveria renunciar, mas desde que ela teve a coragem de usar de truques tão sórdidos e de armas tão traiçoeiras para me afastar de Alexandre, hei de empregar também todas as minhas armas para derrotá-la. (Pausa. Tom) A cara que você fez, Assunta! Uma cara tão assustada que até parece ter visto o diabo na sua frente! (Gargalhada amarga e nervosa) E você tem razão, Assunta. Talvez seja o mesmo diabo que está em mim, neste momento. (nova gargalhada) Estou me sentindo má como só ele deve ser. (nova gargalhada) Hei de vencer, Assunta! Hei de vencer! E com que gosto hei de saborear depois minha vitória!... (novas gargalhadas)

ASSUNTA - (assustada) Que é isso, menina, sossegue. Você enlouqueceu? Pare com essas gargalhadas malucas a esta hora da noite! (Enô cessa de rir) Você não vê que vai chamar a atenção de todos em casa? Que explicação lhes daremos depois?

ENOÊ - Não me interessa o que pensem de mim, mãe e Celeste. Se elas quiserem eu lhes repetirei toda a verdade.

ASSUNTA - Não seja tola, menina. Não há de ser pela violência que você resolverá os seus problemas íntimos. E ademais você não poderá dizer à sua mãe o que eu acabei de lhe revelar. Ela se zangaria seriamente comigo e eu não teria outro remédio senão voltar imediatamente para São Paulo. É isto o que você quer? Que eu vá embora e lhe deixe aqui sózinha?
(Pausa) Vamos, responda. É isso que você está desejando?

ENOË - Bem sabe que não, Assunta.

ASSUNTA - Pois então o seu procedimento nada do que acabamos de conversar. Lute com ela, se quiser, se entender que não poderá viver sem o amor desse rapaz, mas não cometa precipitações nem violências que possam provocar qualquer rompimento entre ela e nós.

ENOË - Em suma, o que você quer é que eu me utilize das mesmas artimanhas de mamãe: pela frente sorria, pelas costas apunhale.

ASSUNTA - Mas que fazer, menina, se são as circunstâncias que lhe obrigam a proceder assim? E depois... se quer mesmo vencer... ouça uma velha que tem muito mais experiência da vida do que você: a esfúia tem mais força do que a força. (Tom) E agora vamos tratar de apagar essa luz e procurar dormir que é já bastante tarde. Descansando bem, amanhã você estará mais calma para pensar melhor e resolver melhor os seus problemas.

ENOË - Sim, você tem razão. Amanhã é um novo dia. Vejamos com que disposição receberei a luz de uma nova manhã. Talvez ela me aclare os pensamentos e me permita pensar de uma forma diferente desta que me sugere a noite tempestuosa que estou vivendo!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL BOMBRIA

ESTÚDIO - QUATRO BADALADAS ESPAÇADAS E AFASTADAS.

IRIS - Quatro horas da manhã e eu não consigo conciliar o sono! É o que será que verdadeiramente me angustia? As palavras ásperas que ouvi dos lábios de minha filha ou a frieza e indiferença que percebi nos gestos de Alexandre? Não sei bem definir. Penso que ambas as razões se encontram confundidas no meu espírito porque ambas feriram profundamente a minha sensibilidade. E a pior de tudo é que por mais que pense

Iris... - numa solução conciliatória, não há meio nem forma de encontrá-la. Se casar com Alexandre, perderei minha filha. Se renunciar ao seu amor perderei a ele e a ela. Não sei o que fazer. Não sei! Parece que vim ao mundo numa noite de tempestade, quando não havia, sequer, uma estrela no céu! Parece que nasci sob o estigma da infelicidade e a vida se diverte destruindo lentamente, um por um dos lindos sonhos que abrigo no coração!... E eu bem quizera voltar aos dias de felicidade que tive quando casei! Tão poucos eles foram! Logo Haroldo se modificou para adoecer em seguida e tornar-se o carrasco que, em pouco tempo, haveria de roubar-me a alegria e o encanto de viver! Mas todos os trabalhos que passei, as muitas lágrimas vertidas em silêncio, os instantes de humilhação e desespero que foram tantos, nem assim conseguiram extinguir o suave perfume que me deixou na alma a minha fugidia felicidade! E eu quero de novo senti-la! Desejo ardentemente voltar a experimentá-la, nem que seja outra vez por breves instantes e de novo a minha alma se perca numa noite tempestuosa e sem estrelas!... (Pausa. Solução) Há pouco, no silêncio da noite, pareceu-me ouvir a voz de minha filha a gargalhar distante e o som longínquo daquelas gargalhadas repercutia no meu coração como um grito de escárnio, como um brado de revolta ou simplesmente como imprecações! Procurei apurar o ouvido e esclarecer minha dúvida mas, de súbito, elas cessaram e eu fiquei a pensar comigo mesma se as teria realmente ouvido ou si elas não seriam apenas um produto da minha imaginação tão conturbada! Se fossem reais, que significariam? Escárnio? Revolta? Desespero? (Pausa e tom) Minha filha! Minha pobre filha!... Devo ferir-te ou salvar-te? (chorando com desespero) Oh meu Deus, meu Deus!... Em que horrível dilema me puzeste!... (Choro convulsivo).

CONTROLE - MORTINA MUSICAL DRAMÁTICA: ABAFANDO OS SOLUÇOS DE IRIS.

ALEXANDRE - Mãe!... O que faz em pé a esta hora da madrugada?!

MINOSA - Vigio-te, meu filho! Fiquei a noite toda à espera de que apagasse a luz para poder dormir. As horas foram passando e a luz permanecia acesa. Afinal bateram cinco e eu não pude mais conter em silêncio a aflição de que estou possuída.

ALEXANDRE - Óra, mamãe! Não ha razão para tanto, afinal. Acalme-se e vá dormir.

NINOSA - Como queres que me acalme, meu filho, se te sinto em aflição e desespero?

ALEXANDRE - Nada disso, mamãe. A senhora está exagerando as coisas. Vivo um momento de dúvida, é verdade. Um momento de indecisão. Mas daí a pretender dizer-se que estou vivendo em aflição e desespero vai uma diferença muito grande.

NINOSA - Uma dúvida, uma indecisão apenas, como dizes, não bastam para nos roubar o sono de toda uma noite. São cinco horas da madrugada, meu filho. Dentro em pouco estará clareando o dia. Desde pouco mais da meia noite, que estás deitado e até agora não conseguiste conciliar o sono.

ALEXANDRE - Isso pode perfeitamente acontecer por um motivo de somenos importância. Não ha necessidade de que o motivo seja grave para que uma insônia nos assalte. Muitas vezes, até, ela nos vem sem que haja motivo algum.

NINOSA - Mas não é o teu caso, meu filho. Eu sei e tu também sabes que existe para ti, um motivo bem forte. Vm aqui na esperança de que conversando um pouco comigo, desabafando com a mamãe os teus temores, tu poudesses, afinal, aliviar o teu coração e adormecer.

ALEXANDRE - Não, mamãe. Agradeço a sua intenção tão pura mas não tenho mais o que desabafar. O que eu tinha a te dizer já lhe disse e falar um pouco mais, ou um pouco menos, sobre o assunto, nada poderá me adiantar.

NINOSA - Deixa então que a mamãe se sente aqui um pouquinho perto de ti e te afague os cabelos como fazia quando tu éras pequenino. Gostavas tanto, lembra-te? Eu ficava a te coçar de leve a cabeça... tu a inclinavas levemente para trás, semi-cerravas os olhos numa suave expressão de ventura... esboçavas um meio sorriso nos teus lábios finos... e não tardava muito em que a cabeça pendesse sobre o teu peito e te entregasses, afinal, a um sono tranquilo e profundo.

ALEXANDRE - (evocando, com doçura) Desde menino, bem pequeno, já era um prazer

- para mim a carícia dos seus dedos sobre os meus cabelos, mãosinhas. Lembro-me tão bem! A senhora sentada na cadeira de embalo e eu enroscado aos seus pés, sobre o tapete...

MIMOSA - ... eu copando-lhe suavemente a cabeça e cantando, a meia voz, uma cantiga de ninar! As palavras... já faz tanto tempo que eu nem as lembro mais. Ficaram para trás... perdidas no passado... esfumadas na distância dos anos decorridos! Contudo... a melodia ainda me volta aos ouvidos, nítida como a saudade que me assalta o coração, quando evoco aquele tempo bom que depressa passou!... (CANTAROLA, DE BOCA FECHADA UM TRECHO REGULAR DE UMA CANTIGA DE NINAR. AO TERMINAR, FALA SUAVEMENTE PARA O FILHO) Dormiu, finalmente! Meu pobre filho!... Meu companheiro e meu consolo das horas tristes e mal vividas!... É sempre, para mim, a mesma criança de outros tempos! O mesmo menino, esperto e travesso, que andava de telocipede e jogava carreiras em volta da quadra com os outros pequenos da vizinhança!... Cresceste... estudaste... e te fizeste um homem... e hoje corres em busca do amor que é o brinquedo predileto dos jovens da tua idade! Que Deus te proteja, meu filho!... E tu sejas feliz na escolha que fizeres!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, SUAVE E BONITA

CELESTE - Bom dia, dona Iris.

IRIS - Bom dia, Celeste.

CELESTE - Então? Como passou a noite?

IRIS - Toda ela sem dormir. Tenho a impressão de que a minha cabeça cresceu de tanto pensar.

CELESTE - Vê-se logo o seu cansaço nas olheiras fundas que lhe circundam os olhos. Digo-lhe mais - e a senhora vai me perdoar a franqueza - a senhora parece que envelheceu de ontem para hoje.

IRIS - Acredito, Celeste. Foram tantas as angústias que os meus pensamentos me trouxeram, nesta noite interminável, que ela representa, para mim, o esforço de vários anos, levando sobre os ombros o peso morto de uma vida sem sol... inútil... e vazia!

CELESTE - E esses pensamentos ao menos lhe trouxeram uma solução razoável para o terrível dilema em que se encontrava o seu coração ontem à noite?

- IRIS - Um só. O único, compatível com a minha situação de mãe extremosa, que se vê na terrível eminência de se tornar o verdugo cruel de sua filha.
- CELESTE - Já sei. Fixou-se no seu coração a ideia inconcebível da renúncia, não foi?
- IRIS - Por que inconcebível?
- CELESTE - Porque não se compreende que justamente a senhora é que deve renunciar e não ela.
- IRIS - E por que não se compreende se justamente à mãe cabe sempre o tributo de sacrifício pelo bem de seus filhos?
- CELESTE - Porque ela é moça e além de possuir maiores energias para reagir contra os embates da tristeza, possui também muito maiores probabilidades de tornar a encontrar um outro homem que a faça esquecer as decepções ocasionadas por uma derrota de amor. Eu não posso concordar em que a senhora renuncie à sua verdadeira e única felicidade para que sua filha se apodere dela avariamente, sem que ela própria chegue a ter a certeza de que esse homem é realmente o amor de sua vida!
- IRIS - Acha, então, você que eu devo lutar com ela?
- CELESTE - É claro. Deve lutar, como não? E lutar com vontade de vencer. Pense no que será a sua vida quando essa luz se apagar em seu caminho! A senhora terá tempo de esperar que outra luz o ilumine antes que a velhice tenha coberto de neve os seus cabelos?
- IRIS - Não creio.
- CELESTE - Para ela, muitas outras luzes poderão surgir ainda, antes que a mocidade possa dizer-lhe adeus da curva extrema do caminho extremo! Não. Repito-lhe que não deve ceder. Que não pode ceder. Que não lhe resta outro caminho senão o de uma luta enorme e ingente!
- IRIS - E se ao fim dessa luta eu chegar à tristíssima realidade de me ver derrotada por ela?
- CELESTE - Restar-lhe-á o consolo de haver feito tudo para salvar-se. De haver tido a suprema coragem de sustentar uma luta terrível para que o seu verdadeiro amor não parecesse. Restar-lhe-á a certeza que conforta de não ter sido covarde diante da vida, porque uma coisa é morrer lutando.

- e outra é render-se humildemente, sem um gesto qualquer de reação.

IRIS - Você possui um poder tão grande de convencer a gente, Celeste, que eu já começo a pensar que é, de fato, uma miserável covardia de minha parte permitir que o meu coração seja derrotado sem esboçar um gesto para defendê-lo.

CELESTE - Eu apenas lhe aconselho que o defenda, enquanto que ele, o seu coração grita e se desespera na iminência de ver-se abandonado. Tenha pena dele, dona Iris. Não deixe que mais tarde ele a acuse. Empunhe as suas armas, desfralde a bandeira de esperança e atira-se com fé ao campo da batalha.

IRIS - Sim, Celeste, eu lutarei. E lutarei com fé, para vencer !...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

LOCUTOR - P U B L I C I D A D E.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

ASSUNTA - O que é isso, menina?! Onde vai assim toda preparada a esta hora da manhã?

ENOË - Para o campo de luta. Meu coração, ontem à noite, decidiu-se a aceitar a declaração de guerra que lhe fez o seu rival. Vou começar o ataque.

ASSUNTA - O que é que vai fazer, menina? Olhe o que eu lhe disse: não se precipite. As vezes, por precipitação, se perde uma batalha. A posição defensiva é sempre menos perigosa que a posição de ataque.

ENOË - Já fui atacada, Assunta. E atacada traiçoeiramente, o que é mil vezes pior.

ASSUNTA - Mas onde vai, afinal ?

ENOË - Fazer umas compras que necessito, botar uma carta no correio e para vê-lo e às onze horas vou me postar à porta do hospital onde Alexandre trabalha, para irmos almoçar juntos em qualquer lugar.

ASSUNTA - Ele convidou você para esse almoço ?

ENOË - Não, mas que tem isso? Posso eu convidá-lo, éra essa !

ASSUNTA - Bem, se você acha que pode convidá-lo, mas isso, no meu tempo de moça era uma coisa horrível. Uma coisa abaixo da crítica e que uma moça que se prezasse não faria nunca! Éra como se costumava dizer, ainda a carregar diante dos burros.

- ENOE - O seu tempo já passou, Assunta. Quantos anos faz que você foi sogra?
- ASSUNTA - Que diabo! Também não sou assim tão velha como você está querendo me fazer. Tenho quarenta e oito anos.
- ENOE - Como?! Mas então de um tempo para cá você começou a diminuir os anos que passam em vez de aumentá-los?
- ASSUNTA - Você quer dizer com isso que eu estou mentindo, é menina? Vaja lá!
- ENOE - (ribo) Se não está mentindo agora, mentiu há três anos passados quando me disse que tinha cinquenta e dois anos.
- ASSUNTA - Eu lhe disse isso?
- ENOE - Claro que disse. Ou pensa você que eu é que estou mentindo?
- ASSUNTA - (Baixo) Por la Madona! Como é que eu fui me esquecer?! (Alto) Bem... si eu dissesse... Não, mas eu devo ter me enganado. Como é possível que há três ou quatro anos passados eu estivesse com cinquenta e dois anos? Essa idade... quando muito... eu poderia ter agora. Mas acho que ainda nem tenho.
- ENOE - (Rindo) Oh, Assunta, que é isso? Você então nem sabe com certeza a idade que tem?
- ASSUNTA - (Rindo também) É verdade. Menti tantas vezes e de cada vez uma idade diferente que o resultado foi este: agora tenho vontade de saber a minha idade exata e estou perdida numa confusão tão grande que não posso saber o certo.
- ENOE - Bem, isso não tem importância. Vamos fazer de conta que você tem quarenta e nove anos mas você tem que dizer a todos e sempre essa mesma idade. Guarde bem. Não esqueça. De agora em diante você tem quarenta e nove anos.
- ASSUNTA - Quarenta e nove anos... (Tom) E por que não quarenta e oito como eu tinha dito, menina?
- ENOE - Está bem. Se você faz tanta questão desse ano e menos eu lhe concedo.
- ASSUNTA - É sempre melhor.
- ENOE - Está bem. Fica assentado quarenta e oito, então. (Tom) Bem, mas agora basta de conversa que eu ainda tenho muitas voltas a dar e às onze horas, sem falta, quero estar na porta do hospital.

ASSUNTA - Eu acho isso tão feio, uma mulher andar correndo atrás de um homem.

ENOÊ - Isso foi feito no seu tempo, Assunta. Hoje é a coisa mais natural deste mundo. A mulher de hoje se emancipou, felizmente e já tem os mesmos direitos do homem. Si ele pode correr atrás de quem ama ela também pode. Graças a Deus já vai bem longe o tempo em que ela não tinha nem o direito de escolher o marido com quem se deveria casar!

ASSUNTA - É... as coisas estão mesmo mudadas. Lá isso estão.

ENOÊ - Bem, Assunta, chega de assunto. Eu vou andar. Na hora de almoço, se mamãe fôr à mesa e dar pela minha falta, você diga que eu avisei que ia ficar na cidade para almoçar mas não diga com quem. Diga que não sabe.

ASSUNTA - Óra, menina, vá descansada. Você pensa que eu sou creanga?

ENOÊ - Claro que sei que não é. Pois você não está com quarenta e nove anos?

ASSUNTA - Alto lá. Quarenta e nove não senhora. Quarenta e oito. Ficou assim combinado, não foi?

ENOÊ - (Afastando-se e rindo) Tem razão. Quarenta e oito. Desta vez fui eu que esqueci. Quarenta e nove é só daqui a um ano.

ASSUNTA - (Projitando) Não senhora. Que para o ano coisa nenhuma! Agora, nos quarenta e oito eu vou fazer como a letra daquela marchinha de carnaval. (Cantando) Daqui não saio, daqui ninguém me tira. Daqui não saio daqui ninguém me tira, onde é que eu vou parar? Cada ano mais um ano acrescentar? O senhor tem paciência mas aqui eu vou ficar.

ENOÊ - (Afastada, dá uma gargalhada gostosa e afasta-se rindo sempre às gargalhadas)

CONTROLE CORTINA MUSICAL.

CONTRA RUBRA - BATIDAS DISCRETAS EM PORTA, AFASTADA

IRIS - (Projitando) Entre.

CONTRA RUBRA - PORTA QUE ABRE FECHA E PASSOS QUE SE APROXIMAM.

REBECA - (Afastada) A senhora dá licença, dona Iris?

IRIS - Pois não, Rebeca. Deseja alguma coisa?

REBECA - Não senhora. Vim apenas saber notícias. Passou bem a noite?

IRIS - Mais ou menos.

- REBECA - (Depois de pausa) Não vai levantar para o almoço ? Já são mais de onze horas.
- IRIS - Não sei ainda o que vou fazer, Rebeca. Penso que almoçarei aqui no quarto mesmo.
- REBECA - Sim. (Pausa) A senhora...
- IRIS - (Depois de pausa) Fale, fale. Você ia dizer alguma coisa... Por que parou ?
- REBECA - É que... Eu não sei o que a senhora poderá pensar de mim... Afinal eu... eu não quero fazer papel de intrigante... mas eu... eu sei que a senhora não vê com bons olhos o namoro de dona Encê com o doutor Alexandre e...
- IRIS - Fale. Diga logo o que sabe, menina.
- REBECA - É que eu ouvi quando ela disse à italiana que iria almoçar com ela na cidade e recomendou à italiana que não lhe dissesse nada mas eu achei que a senhora devia saber. Não sei se estou fazendo mal mas...
- IRIS - Não, não... Fiz muito bem, até. Minha filha é uma menina muito leviana e eu preciso estar sempre a par do que se passa com ela para poder controlar os seus impulsos.
- REBECA - Eu só lhe pediria, dona Iris, que a senhora não...
- IRIS - (cortando) Já sei. Não se preocupe que eu não citarei o seu nome. Não haveria nenhuma vantagem nisso. Pelo contrário. Ela precisa confiar inteiramente em você para que eu possa estar sempre ao correr de todos os seus movimentos.
- REBECA - (manhosa) Eu não gosto de proceder assim... é contra o meu feitip... acho horrível o papel que estou representando, mas... afinal, é para o bem dela, não é ?
- IRIS - É claro. Mas não se preocupe que eu saberei compreender a sua intenção.
- REBECA - Obrigada. E com licença, dona...
- IRIS - (Cortando) Um momento, Rebeca. Alcance-me o meu pegoir ali daquela poltrona, sim ?
- REBECA - Pois não. (Pausa e movimento) Resolveu levantar-se, afinal ?

IRIS - Sim. Uma vez que minha filha não está eu irei à mesa almoçar. (projetando) Obrigada, Rebeca. Agradeço-lhe o aviso. E pode estar descançada que não lhe comprometerei. Avise lá em baixo que já vou descer para o almoço.

SE

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE FECHA

IRIS - Rebeca vem me dizer que minha filha vai almoçar com o doutor Alexandre na cidade... Diz que ouviu quando ela avisou dona Assunta, e recomendou-lhe de não me dizer uma só palavra a respeito... Devo interrogar Assunta? Mas como fazê-lo, sem comprometer Rebeca? Não, não... eu não posso falar nada... Devo calar. Devo esperar. Talvez que, mesmo contra as suas recomendações, Assunta me conte a verdade. (Pausa e tom) Bem... o que eu preciso fazer, antes de tudo, é vestir-me, despir-me para o almoço... e aguardar com calma os acontecimentos. Esperar com calma! Será possível a alguém guardar a calma quando se vê ameaçada de perder o maior bem que ainda lhe resta no coração? Enfim... que Deus se compadeça de minha pobre alma e me dê a força necessária para fingir uma calma que eu posso sentir!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CONTRA REGRA - DUAS OU TRÊS CHAMADAS DE TELEFONE, EMPAÇADAS, PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM. RUÍDO DE LEVANTAR O FONE DO GANCHO.

MIMOSA - Alô?

ALEXANDRE - (afastado) Mãezinha, sou eu aqui.

MIMOSA - Sim, querido. Que é que há?

ALEXANDRE - (idem) Não me espere para almoçar, ouviu?

MIMOSA - Você não vem?

ALEXANDRE - Não, mãe, estou muito ocupado. Tenho duas operações com o espaço de meia hora. Almoçarei aqui mesmo no hospital.

MIMOSA - Óra que pena!

ALEXANDRE - A senhora vai ficar triste?

MIMOSA - Não, meu filho, é que a mãezinha tinha feito um pratinho que vai gostar tanto! Está bom, não faz mal, a mãezinha guarda para o jantar.

ALEXANDRE - Está bem, mãe. No jantar eu estarei aí com a senhora.

MIMOSA - Vou lhe esperar, sim, meu querido.

ALEXANDRE - Um beijo para a senhora.

MIMOSA - Obrigada, meu querido. Muitos beijos para ti. Muitos, muitos.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE DESLIGAR TELEFONE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

GARÇON - Estão servidos?

ALEX/NDRE - Ótimamente, obrigado. Isto é... você deseja ainda alguma coisa, meu bem?

ENOË - Desejo, sim. Que o garçon se retire para que eu possa agradecer-lhe o prazer imenso que você me proporcionou.

GARÇON - (Sorri) Com licença, então. Estejam à vontade.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENOË - (Afastada) Posso entrar?

IRIS - É claro que sim, minha filha.

CONTRA REGRA - ^{SE} PORTA QUE SE FECHA E PASSOS QUE SE APROXIMAM.

ENOË - Vim desejar-lhe uma boa noite.

IRIS - Obrigada. Eu já estava triste, pensando que não receberia hoje o seu beijo, depois de ter passado o dia inteiro sem sequer avistá-la.

ENOË - Estive fora o dia todo, por isso não vim ao seu quarto.

IRIS - Passou bem o dia?

ENOË - Muito bem. E você?

IRIS - Na mesma monotonia de sempre. Lendo ou bordando.

ENOË - Pois eu passei um dia interessantíssimo.

IRIS - Eu sei.

ENOË - Não pode saber. Nem de leve imagina.

IRIS - É o que você pensa. Sei tudo o que você fez e... sei até com quem almoçou.

ENOË - (depois de pausa, mordaz) Contratou algum detetive para espionar-me? Continua empregando seus métodos de agir na sombra, sem coragem de encarar de frente a situação?

IRIS - Não. Se assim fosse, eu ficaria quieta e não lhe diria o que fiquei sabendo. Justamente porque desejo encarar de frente a situação foi que lhe dissei.

ENOË - E de que modo ficou sabendo que almocei com ele ?

IRIS - Por ele próprio.

ENOË - Por ele ?!...

IRIS - S'm, por ele. Já nos falamos depois disto.

ENOË - Então... o compromisso inaditável que ele tinha às três horas da tarde...
...
...

IRIS - Ire comigo. (Pausa longa) Quer que lhe diga também o que conversamos ?

ENOË - Não me interessa.

IRIS - Tem absoluta certeza de que não lhe interessa realmente ?

ENOË - Tenho. Já lhe disse uma vez e sustento.

IRIS - E... e se eu lhe disser que o motivo principal do nosso assunto... foi
você ?

ENOË - É mentira! Eu sei que tudo é mentira! Você está falando assim simplesmente pelo prazer de me torturar. Pelo desejo de espicaçar o meu ciu-
me! Mas engana-se, está ouvindo? Eu sei o que sou e o que valho para
chegar ao ridículo de sentir ciúme de você! (gargalhada sarcástica)
Era só o que faltava!... Eu, Eu sentir ciúmes de uma velha! (gargalha-
das sarcásticas que se prolongam por alguns momentos)

CONTROLE - CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

FIN DO 199 CAPÍTULO

Carinho

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO!

Novela de: ERICO CRAMER

20º CAPÍTULO.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

LOCUTOR - Esta característica assinala o início de mais um capítulo da estranha e sensacional novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBE A CARACTERÍSTICA POR MOMENTOS

LOCUTOR - Anoiteceu. Descansa Coração!...

CONTROLE - SOBE NOVAMENTE A CARACTERÍSTICA E CAI EM B/G.

LOCUTOR - Ao findar o décimo nono capítulo desta sensacional novela, deixamos dona Iris e Enó mais uma vez no quarto da primeira, num duelo terrível de palavras, cada qual buscando ferir mais a outra, uma vez que, apesar de mãe e filha, já está declarada entre elas uma guerra de morte pela conquista de um homem a quem ambas desejam possuir. E a interrupção do capítulo deu-se quando dona Iris perguntava à filha...

IRIS - Você tem absoluta certeza de que não lhe interessa, realmente, o que conversamos eu e Alexandre?

ENOÉ - Absoluta. Já disse uma vez e *sustento* *que continuo* *durante o que não* *sinto*

IRIS - *Mãe* E... e se eu lhe disser que o motivo principal do nosso assunto... foi você?

ENOÉ - É mentira. Eu sei que tudo é mentira! Você está falando assim *se* ~~simples~~ *mente* pelo prazer de me torturar. Pelo desejo de espicaçar o meu orgulho! Mas engana-se, está ouvindo? Eu sei o que sou e o que valho, para chegar ao ridículo de sentir ciúme de você! (*gargalhada sarcástica*) Era só o que *me* faltava!... Eu... eu sentir ciúmes de uma velha!... (*gargalhadas que continuam*).

IRIS - Minha filha!... Você é que está procurando um meio de ferir-me. E pode acreditar que o encontrou. Que me feriu profundamente! Não pelo fato de me ter chamado de velha, mas pelo desrespeito e o desamor com que você acomete contra mim!... Sim, porque você disse uma coisa que você não sente, com a intenção, preconcebida, de me humilhar e me ofender.

E disse, ainda, que seria ridículo sentir ciúmes de mim, mas a verdade, ainda que sinta amarga, é que você os sente. Está desesperada, alucinada de ciúmes e, por isso, investe furiosamente contra sua mãe, esquecendo o respeito que me deve e o amor que lhe consagra.

ENOË - O amor que me consagra! (pequena gargalhada ironica) Só essa me faria agora rir!... (desprezo) Um amor tão grande e tão sincero que não lhe impede de procurar roubar-me um outro amor que me pertence!

IRIS - Como lhe pertence, se você o amou depois de mim?

ENOË - E você pensará que o amor é como carreira de funcionário público onde a antiguidade dá lugar à promoção? Engana-se, minha mãe. Se na própria carreira do funcionário nem sempre a promoção é dada ao mais antigo... Não esqueça que há também a promoção por merecimento. O coração ignora leis e desconhece direitos. Ama por que ama, sem procurar razões e sem buscar motivos. Se a impressão causada por um novo amor é mais profunda e empolgante que a do amor já existente, ele não vacila em abandonar o primeiro e correr na conquista do segundo.

IRIS - E será isso o que realmente está se passando no coração de Alexandre?

ENOË - Pelo menos eu tenho razões de sobra para presumir que sim.

IRIS - Não se fie nos homens, minha filha. Você os conhece pouco.

ENOË - E você... os conhece mais?

IRIS - Pelo menos, tenho também minhas razões para afirmar-lhe que nem eles próprios se conhecem bem. Nem eles próprios sabem, muitas vezes, o que desejam. E confundem os próprios sentimentos. Não sabem, como deveriam, classificá-los e discerni-los. Chamam de amor a necessidade da presença de alguém por força de um hábito e interpretam como paixão ardente aquilo que não é mais que um desejo. E como são volúveis, tanto a necessidade da presença como a paixão ardente, riscam-lhe o céu da existência com a mesma brevidade de um meteoro e depressa se apagam!...

ENOË - E o que sobra, afinal, dessa derrocada tão grande?

IRIS - A amizade. A verdadeira amizade, construída à prova de dedicação, de bondade sem limite, de perfeita compreensão, de verdadeira tolerância, de absoluto espírito de sacrifício e de um carinho comedido. Estas são

as armas que a mulher deve usar sempre para prender um homem porque são eficazes e não fenecem. A beleza, a elegancia, a graça e o sensualismo, fenecem antes que tenham construido alguma coisa que fique.

ENOÊ - Está bem, mamãe. Obrigada pelos seus "sabios" conselhos. Eles talvez sejam dignos de ser usados... mas não por mim. Deixo-os para quem não possui outras armas para prender os homens. E agora com licença. É tarde e estou cansada. Boa noite.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM.

IRIS - (projetando) Boa noite, minha filha. Que a placidez da noite repouse os teus nervos excitados e te faça compreender que não tens tão fortes motivos para tamanha agressividade.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL TENSA. FUNDE COM TEMPESTADE E VENTO QUE PERMANECEM EM B/G.

SIMÃO - Meu filha ainda está com o luz acêsa! Meia noite já bati e ele não apagou o luz! Vai gastar muito no conta na fim da mês. O luz está tom carra! Quantas vezes a velho Simon já fui lá apaguei o luz e quantas vezes ela outra vez já acendi. Agorra vai passei uma carron no ela!

CONTRA REGRA - PASSOS LENTOS E ARRASTADOS SEMPRE À MESMA ALTURA DO MICROFONE, ATÉ NOVA RUBRICA.

SIMÃO - As negócios estão ruim. Duas, treze gravatas só vendi, depois de caminhei uma dia inteiro no rua... Não se pode gastar muita dinheiro no casa do gente. Chéga na fim da mês e é um despêsa tom grande que o gente não sabe parra onde se virrei.

CONTRA REGRA - CESSAM OS PASSOS. BATIDAS DISCRETAS EM PORTA, PERTO.

SIMÃO - Parece que ela já dormi... E se fechêi o porta com o chave vai fiquei o luz acêsa todo o noite... Vamos vê se o porta está abride...

CONTRA REGRA - RUÍDO DE TORCER TRINCO E ABRIR PORTA.

SIMÃO - Oh, felizmente que ela não passei o chave, senão velho Simon precisava acordar ela.

CONTROLE - TROVADA BEM FORTE.

CONTRA REGRA - MAIS UNS TRES OU QUATRO PASSOS

- REBECA - (lôgo a seguir do brevão, como que acordando) Hein?... O que foi? (assustada) Quem é o senhor? (crescendo) O que quer aqui?
- SIMÃO - Rebeca, meu filha! E a papai do ela!
- REBECA - (sempre crescendo) Não! Saia daqui, Não me atormente... Eu já lhe disse que não tive culpa! Por que insiste em voltar?
- SIMÃO - Rebeca, meu filha. Acorda, meu filha!
- REBECA - Vá embora! Vá embora! Já lhe pedi tantas vezes que me deixe em paz! Será possível que o senhor não me atenda? Que não compreenda que eu não tinha nenhum interesse em matá-lo? Não fui eu, já disse. Não fui eu! Não fui! Não fui!...
- SIMÃO - Meu filha, atende a papai uma bocadinha!
- REBECA - Que pretende de mim? Assassinar-me? Vingar-se de um crime que eu não cometi?
- SIMÃO - Tua pai nom está uma malfeitor, meu filha. Acorda.
- REBECA - Saia daqui, já lhe disse. Por que me elha desse modo? Por que? Não vê que os seus olhos desprendem chispas de fogo e que me queimam? Não vê que as suas unhas pontiagudas me faram os braços? Não vê que a sua presença me exaspera? Por que insiste em ficar? Por que? Já lhe disse que não tive culpa, que o culpado foi o senhor mesmo. Ou foi ele, não sei. Ele que lhe deu aqueles comprimidos. O senhor tomou-os todos de uma vez. Quer agora responsabilizar-me pelo sucedido? Não pode. Não pode. É injustiça. É uma clamorosa injustiça que o senhor me faz.
- SIMÃO - Rebeca... meu filha... responde para a tua velha papai. Tu fiquei maloque, Rebeca?
- REBECA - (num grito histérico) Não! Tire a mão dos meus cabelos.
- SIMÃO - É só para fazer um festinha, meu filha!
- REBECA - Quer arrastar-me pelos cabelos, não é? Pois experimenta, faça-lo, experimenta. (pausa) Vamos! Por que não faz o que deseja? Está com medo? Já sentiu que eu resolvi enfrentá-lo e acobardou-se, não é? Pois agora faça, quero ver. Viu que o velho está aqui para defender-me, não?
- SIMÃO - A velho serrá em!

REBECA - A cara dele, agora!... Covarde! Mil vezes covarde! Por que não inventes contra mim agora? Por que? Estás recuando... estás fugindo... Covarde!... Covarde!... (GARGALHADAS HISTÉRICAS E ALUCINADAS)

SIMÃO - Rebeca! Rebeca! Meu filha!...

CONTROLE - TROVOADA BEM FORTE.

REBECA - (ao som da trovoada, para de rir bruscamente e, como quem acorda, ofegante) Hein?... Que foi?!... Que foi?!...

SIMÃO - Uma trovão, meu filha!

REBECA - (cansada e aflita) Oh, papai... tu estás aqui... Que sonho horrível! Que sonho pavoroso!... Todas as noites... todas as noites a mesma coisa... sempre ele, papai. Sempre ele a me atormentar e a querer vingar-se de mim... Oh, velho, velho eu não posso mais. (chorando) Eu não posso mais!...

SIMÃO - Pobrrre da meu filha!... Pobrrre da meu Rebeca!... Está doente das nervos!... Dorme, meu filha, dorme. Agorra a papai está aqui e não deixa ninguém interromper a sono do ela. A papai fica aqui na lado do ela e vai cantei para meu filha dormi como quando Rebeca estava pequenininho e a mamãe do ela cantava parra ela adormecer. (cantando) Dórmee meu filhinhe, dorme meu amor - que o faca que corta - dá talho sem dó. Dorme meu filinhe - que a bicho aí vem - papai foi no caça - mamãe foi também...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL FORTE, ABAFANDO AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE SIMÃO.

ALEXANDRE - Ficha número cinco é a sua?

CELESTE - É a minha, sim, doutor.

ALEXANDRE - Ué, Celeste, você? O que é que tem? Está doente?

CELESTE - Não, doutor. Queria conversar com o senhor e achei que era esta a melhor maneira de prendê-lo por uns quinze ou vinte minutos, longe de olhares desconfiados e de ouvidos indiscretos.

ALEXANDRE - Mas sente-se, por favor. (movimento) Diga o que há. Qual é o seu assunto?

CELESTE - O assunto é mais seu do que meu. Interessa-me, também, naturalmente, pela grande estima que dedico a dona Iris e pelo desejo imenso que almejo de tornar a vida de pazes feitas com a vida.

ALEXANDRE - É justo. Ela bem o merece. Tão moça e tem sofrido tanto!

CELESTE - E sofrido com resignação, sem um queixume, o que ainda penaliza muito mais a gente.

ALEXANDRE - Sem dúvida.

CELESTE - Pois eu estou aqui para inquiri-lo, doutor, à respeito das suas intenções para com ela, presentemente. Bem sei que não me cabe esse direito. Chega mesmo a ser ousadia da minha parte vir ao seu consultório para tomar-lhe uma satisfação. Mas não é bem uma satisfação que eu venho exigir do senhor. Antes - posso dizer - é uma confissão sincera que desejo arrancar, a fim de saber como devo proceder junto dela. Como fui, de início, o ponto de aproximação de ambos e, logo a seguir, a confidente das violentas emoções vividas por um e por outro, não me parece injustificada esta minha atitude. O que quero, em resumo, é estar perfeitamente a par dos seus verdadeiros sentimentos com referência a dona Iris, para animá-la a prosseguir ou induzi-la a esquecê-lo, se Compreendeu bem?

ALEXANDRE - Compreendi perfeitamente, Celeste e acho muito louvável o seu intento

CELESTE - Nesse caso auxilie-me, usando de inteira sinceridade.

ALEXANDRE - Pois não. Juro-lhe que o farei. Pergunte o que deseja.

CELESTE - Antes devo dizer-lhe que estou inteiramente a par do seu entusiasmo ou - não sei como deva classificar - do seu interesse, enfim, por dona Enôê. Ela é moça... graciosa... bonita... sabe muito bem insinuar-se aos olhos dos homens e eu tenho receio de que ela ainda venha arrastá-lo a uma paixão violenta que possa fazer sofrer muito a dona Iris.
(Pausa) Qual a impressão que o senhor tem dessa menina?

ALEXANDRE - A melhor possível.

CELESTE - Não é assim que desejo que me responda, doutor. Afinal eu não estou aqui a pretender exigir que o senhor deixe de gostar dela, si é que realmente gosta. O que pretendo é que o senhor me diga com sinceridade se gosta ou não gosta. Mas é com sinceridade - atente bem - que desejo a resposta. Não lhe deve preocupar - nem por um momento - a ideia de que possa me desagradar ou me ferir.

ALEXANDRE - Perfeitamente. Com a mesma franqueza e lealdade com que você me falou Celeste, eu vou lhe falar também. Você quer saber se eu amo Enôê; não é isto? Pois eu lhe respondo que...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL GRANDIOSA.

LOCUTOR - Publicidade

CONTROLH - CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE - Você quer saber se eu amo Enôê; não é isto?

CELESTE - Exatamente.

ALEXANDRE - Pois eu lhe respondo que... não sei.

CELESTE - Não sabe?!

ALEXANDRE - Juro-lhe que não. Estou completamente em dúvida.

CELESTE - Não é possível!

ALEXANDRE - Afianço-lhe que lhe falo sinceramente, Celeste. Estou completamente em dúvida. Outro dia, por exemplo, almoçamos juntos e eu saí convencido de que a amava e muitíssimo. À tarde estive com Iris e levava comigo a firme intenção de dizer-lhe a verdade e pedir-lhe que me perdoasse. Conversamos pelo espaço de quase uma hora e antes que esse tempo se tivesse esgotado já eu estava completamente convencido de que a impressão que levára comigo era falsa. E saí de lá certíssimo de que o meu amor verdadeiro era Iris. À noite, voltando a conversar com Enôê...

CELESTE - (cortando)... tornou a sentir a impressão de que a amava.

ALEXANDRE - Sim. E já na manhã seguinte... essa impressão se modificava. Aí tem você a verdade nua, sem qualquer subterfúgio e sem frases inúteis buscando desculpar ou justificar a minha indecisão.

CELESTE - Muito bem, doutor Alexandre. Agradeço-lhe a sinceridade com que me expoz a situação e prometo-lhe que hei de ajudá-lo a sair dessa situação de verdadeiro embaraço, sem que me deixe levar pela amizade que dedico a dona Iris. Confesso-lhe que teria o maior gosto de ouvir dos seus lábios que, no balanço final, o resultado fôra favorável à mãe e não à filha, mas juro-lhe que se isso não se der, o senhor não me verá esboçar o menor gesto para impedir a concretização do seu sonho de amar.

ALEXANDRE - Obrigado, Celeste. Acredito em você porque vejo que você é uma creatura inteligente e compreensiva.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ASSUNTA - Está uma tarde lindíssima de sol. Por que não a aproveita para passear um pouco?

ENOÊ - (sena) Não quero.

ASSUNTA - Você não tinha falado que iria hoje à costureira mandar fazer uns vestidos?

ENOÊ - (idem) Tinha.

ASSUNTA - E então? O atelier, com certeza, ha de fechar as seis.

ENOÊ - (idem) Não vou mais. Desisti.

ASSUNTA - Você está tão parada... tão absorta, menina... Quer jogar uma partida de damas para distrair-se?

ENOÊ - (idem) Não.

ASSUNTA - Por que não lê um pouco, ao menos, para passar o tempo mais depressa?

ENOÊ - (idem) Não quero.

ASSUNTA - Arre que você está insuportável hoje, menina!

ENOÊ - Pois deixe-me sossegada, não me atormente com sugestões e com propostas que absolutamente não me interessam.

ASSUNTA - Vamos, vamos, menina... O que é isso? O que lhe aconteceu para você estar de tão grande mau humor? Você que geralmente é uma menina alegre está tão azeda que até parece uma solteirona revoltada... Francamente! Deixe isso para mim que sou uma velha e nada mais espero da vida.

ENOÊ - Pois eu, apesar de não ser velha, não sei se devo esperar dela alguma coisa. Crer na vida ou nos homens é realmente uma tolice sem conta.

ASSUNTA - Também não é tanto assim, óra vamos! Desilusão total, na sua idade, é que é tolice maior. Você tem ainda muitos anos pela frente e muitos homens a quem iludir.

ENOÊ - Não me interessam os muitos homens. Interessa-me um só e você sabe.

ASSUNTA - Bem, mas se esse não lhe para merecer, você tem ainda muito tempo para esquecer-lo e buscar um outro que enfeite de sol a sua primavera. A vida não é má, menina. acredite. Nós é que às vezes não sabemos vive-la.

Queremos buscar o bem onde está o mal, ferimo-nos e culpamos a vida. Culpados fomos nós que pretendemos apanhar rosas num pé de cardo. Não tivemos olhos para ver que o cardo tem espinhos agudos e que a flor que suaviza a sua agressividade não pode ser confundida com uma rosa. Outra vez, o bem está próximo de nós, rodeando-nos, insistindo conosco, batendo constantemente à nossa porta, teimando em ficar junto de nós e, crendo que ele é um mal, nós o afugentamos com palavras ásperas e gestos descorteses. É sempre a nós que cabe a culpa de vida não ser tão boa e não à própria vida. Lógico... por que maldizê-la? Não. Devemos maldizer então a nós mesmos que não sabemos distinguir o que é o lodo, chafurdamos nele e não queremos ser salpicados pelo barro iundo.

ENOÊ - Ih, Assunta, chega! Chega de filosofia barata. Eu já estou atucanada ao extremo e ainda me vem você com esses sermões que não resolvem nada.

ASSUNTA - Está atucanada, sim, não precisa dizer. Vê-se lógico na maneira frenética, como você responde ao que se lhe diz. E se acha que os meus sermões são inúteis e não resolvem o seu mal estar, diga logo o que lhe faz esse doutorzinho por quem você se deixou embeigar e eu talvez possa lhe dar um conselho menos inútil do que os meus sermões. (Pausa) Vamos, fale. Diga o que lhe fez esse homenzinho. Ou você não tem confiança em mim?

ENOÊ - Não se trata disso. É que eu não queria falar no assunto para não recordar o que está se passando.

ASSUNTA - He falando ou não falando você não consegue afastá-lo da sua lembrança, que bobagem é essa? Ande, diga logo.

ENOÊ - É que ele me pediu alguns dias para resolver em definitivo a nossa situação e esses alguns dias já passaram e até hoje ele não resolveu coisa nenhuma. Continua a jogar com pau de dois bicos, ora visitando mamãe e ficando horas inteiras a conversar com ela, ora encontrando-se comigo para almoçar e jantar, jurando-me um amor em que eu já não acredito.

ASSUNTA - Pois eu tenho a impressão de que sei perfeitamente o porque da toda essa demora.

ENOÊ - O que é que você acha que possa ser?

ASSUNTA - Timidez e receio de magoar sua mãe. Ele está, a meu ver, fazendo com que ela compreenda, aos poucos, que ele já não está mais interessado nela. Não se anima a dizer-lhe francamente. E você não pode obrigar o rapaz a proceder de uma forma contrária ao seu temperamento, só para lhe ser agradável, ferindo profundamente sua mãe.

ENOÊ - Si eu ao menos tivesse a certeza de que é apenas isso...

ASSUNTA - Pode ter a certeza. Espere pacientemente... não desanime... e verá que a velha Assunta tinha razões bastantes em lhe dizer o que disse.

ENOÊ - É... queira ou não queira eu não tenho mesmo outro remédio senão esperar.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

SIMÃO - Velha Simon pede desculpas de insistir parra entrei na casa do Senhorra mas a assunto erra muito importante parra falei do ele no porta do rua. Assunto de segredo muito, dona Mimosa.

MIMOSA - Chi, seu Simão o senhor está me deixando até assustada!

SIMÃO - Nom está coisa parra assustei o senhorra mas nom se pode falei no porta do rua porque os calçados som de graça parra passei todo o gente e alguma pode ouvir a meu segredo.

MIMOSA - Muito bem, mas aqui o senhor pode falar sem receio porque ninguém nos ouve. Não ha mais ninguém em casa. Estamos só nós dois.

SIMÃO - Erra a respeito da doctor que eu queria falei com o senhorra.

MIMOSA - Ah, sim, a respeito de meu filho. O que é que ha com ele seu Simão?

SIMÃO - É que a doctor... a doctor já está na idade de se casar, nom?

MIMOSA - Bem... para casar rão ha propriamente uma idade fixada. Uns casam aos dezesseis anos e outros aos sessenta. Agora... na idade em que ele está realmente já é uma idade boa para casar.

SIMÃO - Oh, si, si... Muito boa. Muito boa. E foi justamente por causa d'isto que eu me lembrei de vir falei com o senhorra.

MIMOSA - Sim, sim, mas explique-se, afinal. O que é que o senhor deseja?

- SIMÃO - Eu queria dizer para o senhorra uma segredo que nenhum pessoa sabe. (tom de mistério) Velho Simon... vendedor da gravatas de rua... está uma home muito rico! Muito rico! Dinherro muita tem escondida na baú no fêro DO casa de ele! Dinherro tanto que nem pode mais fechar a baú direito. Moedas de prata... de ferro... libras telins... dólares. Todas as dinherro de valor escondida tem.
- NINOSA - O que é que o senhor está me dizendo, seu Simão!...
- SIMÃO - Verdade, senhorra. Verdade! Velho Simon home muito rico.
- NINOSA - Quem seria capaz de imaginar!... Passando trabalho na rua... enfrentando frio e chuva... Para que tanto sacrificio, seu Simão?
- SIMÃO - Para juntar bastante e comprarei uma marido bom para o meu filha Rebeca.
- NINOSA - Seu Simão, eu parece que começo a compreender a razão de toda essa conversa e estou com muito receio de ter que brigar com o senhor.
- SIMÃO - Oh não, senhorra, não... Velho Simon não vim aqui para briguei. Vim aqui para propor uma negocio muito interessante para o senhorra.
- NINOSA - Eu acho melhor o senhor não prosseguir. Acho muito mais prudente.
- SIMÃO - O senhorra não bota fora o negocio sem falei primeiro com a detor.
- NINOSA - Não vai ser o negocio que eu vou botar fora, seu Simão. Vai ser o senhor mesmo. Já compreendi que o senhor veio aqui propor-me a compra do meu filho para marido de sua Rebeca. Mas engana-se, está ouvindo? Engana-se e muito. O coração de meu filho não é mercadoria que se compre está entendendo? Ele se casará com a moça de quem gostar, sem procurar saber si ela é rica ou é pobre. E ponha-se na rua que eu já não posso mais olhar para a sua cara. Ponha-se na rua, vamos.
- SIMÃO - Mais dona Ninóse, o senhorra...
- NINOSA - (cortando, enérgica) Ponha-se na rua, já disse e não me dirija mais nem uma palavra.
- SIMÃO - Está bem, está bem... valha Simon vai sair...
- NINOSA - Miserável! Usurário!... Se quer comprar um título para a sua filha, vá procurar alguém da sua espécie!

SIMÃO - (afastando-se) Gót nhíú! Gót nhíú!... Que mulher mais jarrarraca!

MIMOSA - E julgue-se muito feliz de eu não contar nada a meu filho porque ele havia de lhe dar uma lição na altura que o senhor merice! (Pausa. Tom) Homem no cento! Repugnante! Vil e desprezível!... Negociar o coração de meu filho! Nunca!... Nunca!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL VIOLENTA.

CONTRA REGRA - BATIDAS DISCRETAS EM PORTA AFASTADA:

IRIS - (alvorogo) Deve ser ela! E eu não sei se fiz bem em ouvir os conselhos de Celeste. De qualquer forma... agora é tarde para voltar atrás. (projetando) Entre!

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE E FECHA.

ALEXANDRE - (afastado) Dá licença?

IRIS - Pois não. Eu estava justamente à sua espera.

ALEXANDRE - (aproximando-se) Demorei um pouco mais do que... (Pausa e tom) Não é possível!... O que houve com você, Iris?

IRIS - Gosta de me ver assim?

ALEXANDRE - Mas... mas é surpreendente a sua transformação!

IRIS - Diga se gosta, pelo menos. Não vê que eu estou aflita... que estou ansiosa?... Que tenho o coração suspenso nos seus lábios?

ALEXANDRE - Você quer que eu lhe diga que impressão me causou toda essa transformação?

IRIS - A impressão foi de espanto, eu senti. E o espanto tanto se pode sentir com uma coisa agradável ou que não o seja. E é isso, justamente o que eu desejei, com ansiedade, que você me revele.

ALEXANDRE - Pois bem, Iris... Vou dizer-lhe, com toda a sinceridade, o que foi que eu senti.

IRIS - (mais voz) Meu Deus!

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO

Thurinho

AVALIAÇÃO: 27-10-2011

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO!

(Novela de Erico Cramer)

210 CAPÍTULO

CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL

Locutor - Está no ar mais um capítulo da sensacional novela de Rico Cramer...

CONTROLE - SOBE A CARACTERISTICA

Locutor - Anoiteceu. Descansa Coração!...

CONTROLE - SOBE A CARACTERISTICA E CAI PARA B/G

Locutor - Ao findar o vigésimo capítulo desta novela, deixamos dona Iris Berlink recebendo a visita do doutor Alexandre que muito se surpreendeu por encontrá-la inteiramente modificada. Dona Iris aguardava, ansiosa, o pronunciamento do homem a quem tanto amava e a quem tanto se esforçava para prender. E o capítulo foi interrompido quando...

ALEXANDRE - Você quer que eu lhe diga qual a impressão que me causou essa sua transformação?

IRIS - A impressão foi de espanto, eu senti. E o espanto tanto pode ser causado por uma coisa agradável como por outra que não o seja. E é isso, justamente, o que eu desejo, com ansiedade, que você me revele.

ALEXANDRE - Pois bem, Iris... Vou dizer-lhe, com toda a sinceridade, o que foi que eu sentia.

IRIS - (meia voz) Meu Deus!... (alto) Diga.

ALEXANDRE - Senti a impressão de estar diante de uma outra criatura que não era você. Mais linda... mais atraente... mais jovem... mas completamente outra criatura.

IRIS - Mais linda e mais jovem? Que bom, Alexandre! Como estou feliz, agora! Eu tinha tanto medo...

ALEXANDRE - Mais linda e mais jovem, sim. O cabelo cortado e principalmente assim tão curto, é notório que dá à fisionomia uma expressão muito maior de jovialidade. E depois... o baton e o rouge que eu nunca havia visto em você, deram um colorido mais alegre e mais saudável à sua fisionomia sempre tão tristonha e tão pálida.

IRIS - E o vestido?

ALEXANDRE - Concorreu também com a sua grande parcela para a transformação radical que se operou em você. Habitado a lhe ver sempre de preto com o

- vestidos muito afogados e de mangas compridas, esse azul - que é justamente a cor da minha predileção - decotado e sem mangas, assentou-lhe divinamente, além de que deixou ressaltar uns braços muito bem torneados e um colo verdadeiramente maravilhoso!

IRIS - (abafada e amorosa) Alexandre... você me mata de felicidade falando assim!

ALEXANDRE - É bem verdade que procuro em você a Iris que deixei, ontem, aqui neste mesmo lugar e não a encontro.

IRIS - E... e sente saudades dela?

ALEXANDRE - Não sei bem o que lhe responder.

IRIS - Bem, meu querido, o que desejo é que você esteja satisfeito a meu lado. Se você chegar à conclusão de que se sentia melhor ao lado de Iris antiga, eu não terei dúvidas em fazer com que ela volte em poucos dias. Apenas o tempo necessário para que o cabelo cresça e eu possa novamente prendê-lo.

ALEXANDRE - Beixe-se ficar assim. Por ora, pelo menos, parece que me agrada mais.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CELESTE - E então? Eu estava ansiosa que ele saísse para saber o resultado.

IRIS - Tenho a impressão de que foi um triunfo a sua ideia, Celeste.

CELESTE - Eu não lhe dizia? Os homens gostam de novidade! Ah, se os conheço!... É isso que a senhora precisa continuar a fazer sempre. Modificar-se em cada semana para que ela não tenha sempre o mesmo aspecto diante dos olhos. Há olhos que sofrem a nostalgia das cores. É, por assim dizer, uma enfermidade. E infelizmente quase todos os homens têm os olhos enfermos. Olhar sempre a mesma paisagem - embora lindíssima - torna-se monótono. Suponhamos um lago de águas muito claras... muito tranquilas... mas sempre, sempre sempre iguais! Uma vela que passa... Um bando de andorinhas que cruze os ares... uma lufada de vento que encrespe e agite as águas, são variantes que emprestam à beleza do lago um aspecto diferente e um encanto maior.

IRIS - Realmente, Celeste. Você tem razão. Isso me faz lembrar uma amiga que eu tive e cujo destino bastante se assemelhou ao meu, coitada. Ela tinha também um marido enfermo e conseguiu durante três anos que ele tomasse, diariamente, à tarde, um mingau de maçã. Sabedora desse fato, um dia eu lhe perguntei, admirada: ele não aborrece o mingau? E ela, com um sorriso todo resignação e a inteligência, respondeu: eu não o deixo enjoar nunca. Um dia trago-lhe o mingau, simplesmente, com canela em cima, e num prato. No dia seguinte já o apresento em taça e com pedaços de pêssago em compota, por cima. Ao terceiro dia, trago-o numa tijelinha, com ameixas cozidas. Depois com doce de ovos, com geleia de morangos, com maçã cozida, rodelinhas de banana e ele vai achando sempre um sabor e um aspecto diferente e vai comendo o mingau sem reclamar e nem mostrar enfado.

CELESTE - Pois então? É exatamente como eu lhe digo. O coração enfermo precisa também ser tratado assim para não aborrecer o alimento.

IRIS - Oh, Celeste! Eu estou tão feliz, tão feliz! Tenho a impressão de que consegui prendê-lo para sempre.

CELESTE - Não, não. Não se precipite. Pense que o prendeu "por algum tempo". Mas agora que já conhece a receita, não será impossível prendê-lo para sempre. Sirva-lhe o alimento... sempre com uma variante qualquer. Um dia... pedacinhos de pêssago... outro dia... ameixas cozidas... outro dia, ainda, com doce de ovos...

IRIS - (*rissonha*) E depois com geleia de morangos... com rodelinhas de banana com maçã cozida... (*dansam as duas a rir, alegres e divertidas*)

CONTROLE - CORTINA MUSICAL, ABAFANDO O RISO DAS DUAS.

ASSUNTA - Bom dia, menina.

ENOE - Bom dia Assunta.

ASSUNTA - É então? Passou bem a noite? Dormiu bem?

ENOE - Mais ou menos. Tive sonhos muito aflitivos que me fizeram acordar na disposta.

Assunta - Também, pudera! Você comeu presunto com ovos quasi à meia noite e de

deitou-se em seguida. Com toda a certeza os tais sonhos aflitivos não foram mais do que produto da má digestão.

ENOË - Nada disso. É que já me deitei pensando mil tolices e foram elas que me perturbaram a tranquilidade da noite.

ASSUNTA - E que tolices foram essas que você pensou? Pode saber-se?

ENOË - Ih, Assunta, você está ficando tão curiosa! Tudo você quer saber.

ASSUNTA - Simplesmente com a intenção de ajudá-la, não esqueça.

ENOË - Bem sei, mas a questão é que é muito cacetete a gente estar repetindo tudo o que pensou.

ASSUNTA - Não é que seja assim tão cacetete, é que você sente vergonha de confessar certas tolices que andaram lhe bailando pelo cérebro. Mas a culpada de tudo fui eu mesma. Não devia ter insistido para sairmos antes à noite. Quando você voltou e soube que o doutor Alexandre tinha estado aqui já não pôde mais se conformar de ter perdido a oportunidade de se encontrar com ele - o que é pior - já ficou imaginando o que ele teria conversado com sua mãe. É verdade ou não o que estou dizendo?

ENOË - É verdade, sim. Não adianta negar para você. Você tem uns olhos que penetram o fundo da alma da gente e leem tudo o que a gente está sentindo.

ASSUNTA - Conheço a vida e as criaturas. E, principalmente, conheço a você, ao lado de quem vivo já há bastante tempo.

ENOË - Bem, deixemos isso de parte. Você acha que eu posso sair com o meu costume de lázinha cinza?

ASSUNTA - Desde que leve um abrigo... A manhã está bastante fresca. Pode-se mesmo dizer que está fria. Você vai almoçar na cidade?

ENOË - Não. O nosso encontro será mesmo aqui em casa esta noite.

ASSUNTA - Eu fico verdadeiramente admirada do que você e sua mãe estão fazendo. Uma noite para uma... outra noite para a outra... Sociedade Anônima Cooperativa "Menage a trois".

ENOË - Se você se admira, eu muito mais. E me admira de mim mesma, você sabe? Eu, que nunca suportei o mais leve interesse de um companheiro meu por qualquer outra moça. (Pausa, tom) O amor tem realmente muita força!

(Tom) Mas isso não continuará indefinidamente, não pense, não. Isso vai acabar e muito mais depressa do que você pensa.

ASSUNTA - Verdade?

ENOE - Sim. Hoje mesmo vou ter uma conversa muito séria com ele. Não suporto mais essa situação de insegurança e de incerteza.

ASSUNTA - Bem... eu também preferia qualquer coisa, a viver desse jeito como vocês vivem. Um dia estão bem... outro dia estão mal... Um dia se beijam... outro dia se arranham... Isso lá é vida? Sou de opinião que é preferível a certeza do amor desenganado do que a dúvida do amor correspondido.

ENOE - Hoje eu sairei definitivamente dessa dúvida. Tanto mais se ele me confirmar umas certas coisas que se passaram ontem à noite e que Rebeca teve o cuidado de me contar logo que eu despertei.

ASSUNTA - Ah, essa Rebeca... essa Rebeca!... Não gosto de gente que anda sempre com conversinhas. Assim como ela traz o que vê por lá, ha de levar também o que sabe aqui.

ENOE - Coitada, Assunta! Ela não faz por mal. É minha amiga e deseja ajudar-me.

ASSUNTA - Que coitada, nem coitada! Ela não é aleijada. É isso de você dizer que ela é sua amiga eu não sei, não. Para se poder dizer que uma pessoa é amiga, precisa-se de muitas provas.

ENOE - Ela tem demonstrado, pelo menos, uma grande simpatia por mim e pela minha causa.

ASSUNTA - Bem, bom... simpatia já é outra coisa muito diferente. Não confunda reireta com serenata.

ENOE - Bem, Assunta, a conversa está boa mas eu ainda quero voltar para o assunto. Vê o meu costume cinza, por favor.

ASSUNTA - Espere um momento. Eu ainda quero chamar-lhe a atenção para uma coisa que você não está fazendo direita. Ha quantos dias você não vai ao quarto da sua mãe?

ENOE - Ha tres dias.

ASSUNTA - E não lhe parece que ela deva estar sentida com você? Que deva estar com vontade de conversar com você?

ENOE - Se ela tivesse essa vontade viria almoçar na mesa. Se não vem é porque não sente nenhuma falta de mim.

ASSUNTA - Mas é a você, como filha, que cabe procurá-la. E eu quero que você me prometa que hoje irá.

ENOE - Não, Assunta, eu não vou.

ASSUNTA - Vai, sim. Tem que ir. Faço questão disso.

ENOE - Mas eu não quero ir, Assunta. Você quer obrigar-me, agora?

ASSUNTA - Quero lhe induzir a proceder corretamente, nada mais.

ENOE - Que lucro terei eu? Ela nem está se importando com a minha ausência.

ASSUNTA - Você não pode saber. E depois, não é isso que está me interessando. O meu empenho é de que você proceda com elevação. Se ela fosse apenas a sua rival eu não lhe diria nada, mas ela é também a sua mãe. E como tal é que você deve procurá-la.

ENOE - Está bem, Assunta, não é preciso falar mais. Hoje à noite, depois da visita de Alexandre, irei ao quarto dela.

ASSUNTA - Isto! Muito bem! Assim é que eu gosto de lhe ver.

CONTINUA - CORTINA MUSICAL

CELESTE - Sabe que horas são, dona Iris?

IRIS - Ouvi bater agora mesmo. São oito, não é?

CELESTE - Sim, e então?

IRIS - Então o que, Celeste?

CELESTE - Não vai preparar-me para recebê-lo?

IRIS - Hoje à noite não me cabe. É dela.

CELESTE - Não sei. Depois do sucesso da sua surpresa... duvido muito que ela resista à tentação de estar aqui a e ir-se embora sem vê-la.

IRIS - Você acha, Celeste?

CELESTE - Quasi que seria capaz de jogar a minha própria cabeça.

IRIS - E... que acha você que eu deva fazer?

CELESTE - Preparar-me por via das dúvidas. Tome um outro vestido, pinte-se, arrume os cabelos e fique preparada para qualquer eventualidade.

- IRIS - Mas se eu fizer tudo isso e ele, afinal, não me aparecer, eu vou ter uma grande decepção, Celeste.
- CELESTE - Ache preferível que você a tenha do que dar a ele uma decepção.
- IRIS - Bem... lá isso é verdade. (Pausa) É que vestido lhe parece que eu deva botar hoje?
- CELESTE - Bote o azul marinho com gola de pique branco. Fica-lhe muito bem.
- IRIS - Isso mesmo, Celeste. Busque-o no guarda roupa e venha ajudar-me a vesti-lo.

CONTROL - CORTINA MUSICAL

- ENOË - Que vestido lhe parece que eu deva botar para receber Alexandre, Rebeca?
- REBECA - Não sei, dona Enô. Todos são tão bonitos!...
- ENOË - Óra, creatura, ajude-me. Pois se eu estou indecisa e você vai ficar indecisa também, não resolve. Você não vê que eu estou atrasada, que ele não demora chegar?
- REBECA - Eu gosto muito deste aqui. Não sei si é porque sempre tive preferência pelo branco e todo o meu sonho de moça foi ter um vestido plissado.
- ENOË - Sonho fácil de ser realizado. Se você for muito bresinha para mim eu lhe darei um semelhante a este.
- REBECA - Muito obrigado, dona Enô. Eu ficarei imensamente grata à senhora.
- ENOË - Então achas que ponho este?
- REBECA - Sim, parece-me... Eu gosto imensamente dele.
- ENOË - Está resolvido, então. Tira-o do cabide para mim. (Pausa) O que achas deste penteado que fiz?
- REBECA - Está muito bem. A senhora fica bonita com qualquer penteado.
- ENOË - Não é isso que eu quero ouvir. Está melhor ou pior do que aquele que costumo usar?
- REBECA - Está diferente. Não posso dizer se peior ou melhor. Acho-a mais estranha assim.
- ENOË - Então está bom. Eu hoje estarei diferente também. Estarei estranha

REBECA - Precisa de mais alguma coisa?

ENOÉ - Sim. Preciso que vá para o "hal" esperá-lo. Introduze-o na sala, os "gobelinos" e vem em seguida avisar-me.

REBECA - Pois não.

ENOÉ - (depois de pausa) O que esperas, creatura?

REBECA - Ju... eu queria só lhe perguntar uma coisa.

ENOÉ - Pois pergunta de uma vez e vai.

REBECA - Eu queria... queria perguntar quando é que a senhora vai me dar o vestido plissado...

ENOÉ - Eu já não te disse? Quando eu achar que foste suficientemente boa para mim. Depende unicamente de ti.

REBECA - Está bem. Com licença, dona Enó.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ALEXANDRE - O que é isto? Estava-me esperando com a porta aberta, por que?

REBECA - É que... é que me pareceu ouvir um barulho estranho aqui no jardim, vim espiar o que era... penso que foram os gatos... Quando eu já ia fechar a porta, vi assomar um vulto através das grades do portão e fiquei esperando.

ALEXANDRE - Tem visitas aí?

REBECA - Não senhor. Por que?

ALEXANDRE - É que estou vendo a sala dos gobelinos toda iluminada...

REBECA - Penso que foi dona Celeste que entrou lá e, com certeza, ao sair esqueceu-se de apagar as luzes. Agora, de passagem, eu as apagarei.

ALEXANDRE - Enó está no jardim de inverno?

REBECA - Dona Enó saiu, doutor Alexandre.

ALEXANDRE - Saíu?... Mas ela sabia que eu vinha hoje. Falei com ela pelo telefone... Disse-me, até, que tinha um assunto inadiável para resolver comigo...

REBECA - Eu vou lhe dizer a verdade mas por favor o senhor não se comprometa. Nem cite o meu nome, sequer. Ela... ela sabia que o senhor vinha e saiu de propósito para espicaçá-lo. E sabe o que me confiou? Que ela

só para lhe ver furioso e indignado com o procedimento dela. Eu se fosse o senhor, quando a encontrasse, amanhã ou depois, nem lhe tocaria no assunto. Pelo contrario. Fingiria que nem tinha vindo aqui. Sabe o que seria melhor de tudo, ainda? O senhor amanhã de ~~manhã~~ manhã toca o telefone para cá, mandar chamá-la e pedir-lhe desculpas de já não ter vindo por um motivo qualquer. Esse seria um contra golpe que ela nunca esperaria.

ALEXANDRE - Sim. Tem razão. Si ela pretendia desfazer-me, não lhe darei esse gosto. Vou fazer tal qual você me aconselhou. Bem... então eu volto para casa e vou aproveitar...

REBECA - (cortando) Por que não aproveitava que já está aqui e não vai conversar um pouco com dona Iris? Ela ficaria satisfeita.

ALEXANDRE - Mas ela não me espera... Talvez nem esteja preparada...

REBECA - Ela veio jantar aqui em baixo... Subiu não faz muito... não acredito que já tenha se despedido. Venha comigo. Não custa experimentar...

ALEXANDRE - Sim, sim... Vejamos, então.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ENOË - Que horas são, Assunta?

ASSUNTA - Deixa ver... (Pausa) O mostrador deste relógio é tão pequeno... e depois eu sem óculos quasi que não vejo um palmo adiante do nariz... Espera um pouco. Deixa eu botar os óculos para não dizer as horas trocadas. (Pausa) Ah, agora sim. Agora eu já sou capaz de ler um cartaz a dois kilometros de distancia. (Tom) Faltam vinte para as dez.

ENOË - Imagine só!... Eu pronta desde as oito e pouco... faltam vinte para as dez e ele nem apareceu. E isso que eu o avisei, por telefone, que precisava muito falar-lhe.

ASSUNTA - Mas a vida do médico é assim mesmo, menina. O médico nunca é senhor de si mesmo. Um chamado urgente... um doente que peore... uma operação de emergência e já o médico fica com o seu programa todo alterado.

ENOË - Mas ao menos um telefonema avisando que ia demorar mais ou que não podia vir, parece-me que não custava dar.

ASSUNTA - E quem sabe se ele não tentou telefonar?... Os telefones do jeito que andam a gente nunca pode saber. Você sabe quantas vezes eu atendi o

telefone hoje para ouvir que era engano? Cinco vezes. Cinco vezes apenas! E quando você me pediu para telefonar à sua costureira nem queria saber o tempo que levei para conseguir a ligação. Depois de não ter atendida o Hospício, a Cadeia, o Abrigo de Menores e o Corpo de Bombeiros, foi que finalmente consegui ser atendida pela costureira. É um inferno.

ENOË - Você acha que ele ainda virá, Assunta?

ASSUNTA - Pode ser que sim.

ENOË - Mas já está ficando tão tarde. Garanto-lhe que já sinto impeto de despirme e meter-me na cama.

ASSUNTA - Espere um pouco mais. Vamos que ele ainda venha... O que fará você?

ENOË - Não o receberei. Ao o desfecho, acho deselegância, acho humilhação um homem fazer uma mulher esperar tanto.

ASSUNTA - Mas quem sabe lá que razões ele terá tido, menina?

ENOË - Não creio nas razões que você sugere, Assunta. Penso que a única razão foi ter ele adivinhado o assunto que eu ia lhe falar hoje. Mas ele não fugirá de ouvi-lo nem que eu tenha que voltar ao seu consultório. Então você acha que é direito um rapaz pedir "alguns dias" a uma moça para regularizar uma situação delicada e deixar passar mais de dois meses sem voltar a tocar no assunto e deixar tudo continuar correndo como antes?

ASSUNTA - Bem, mas ele também deve ter tido razões para proceder assim.

ENOË - Óra, Assunta, sabe o que mais? Você está hoje que é uma verdadeira bandeira de misericórdia. Para todas as faltas encontra logo uma desculpa. Pois eu não o desculpo. Vou meter-me na cama agora mesmo e se ele vier você já sabe que eu não o recebo e pode dizer-lhe francamente os motivos.

ASSUNTA - Não disse. Deixe-me de violências. Não é com fôl que se apanham meninos. Você vai esperar mais mais hora. Até às dez e quinze. Se ele não vier, você irá ao quarto de sua mãe conversar um pouco com ele, conforme me prometeu hoje de manhã, e depois então virá deitar-se.

- Amanhã, com ele, você procederá como achar melhor.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

REBECA - Ainda precisa de mim, dona Celeste?

CELESTE - Não. Por hoje você está despachada. Trabalhou muito bem e estou satisfeita com você.

REBECA - *Deixe* de ganhar um vestido branco todo plissado. Um vestido como eu sempre tive paixão para ter.

CELESTE - Você não se arrependerá. Ganhará o vestido e mais alguma coisa. Por isso contente-se com isto.

REBECA - Ah, muito obrigada, dona Celeste.

CELESTE - Chame um auto para levá-la até em casa. Você mora longe, são quase dez horas e a sua rua é bastante deserta. Ah, e outra coisa: saia pelas fundos e faça a volta porque dona Enó ainda está de pé e não sabe que ela lhe veja.

REBECA - Sim senhora. Não se preocupe que eu terei o cuidado de avisar-me. *Mim* Boa noite então, dona Celeste.

CELESTE - Boa noite.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL. FUNDO COM MÚSICA DE VIOLINO, BONITA. EX FUNDO PARA TODA A CENA (De preferência um disco de Boulanger).

IRIS - Pensando, querido?

ALEXANDRE - Não. Estava apenas ouvindo essa música tão bonita.

IRIS - Bonita, realmente. É um programa que eu gosto de ouvir todas as noites. Suas músicas são sempre assim: delicadas, suaves e enlameadas. Muito bem escolhido é o título do programa. Sabe qual é?

ALEXANDRE - Não. Tão poucas vezes tenho ocasião de ouvir rádio...

IRIS - "Música para você sonhar".

ALEXANDRE - Sem dúvida. É um título bastante sugestivo e apropriado.

IRIS - Ouço-o sempre pensando em você... mesmo quando você está ausente. Dizendo melhor: principalmente quando você está ausente. Ele tem a propriedade de, onde quer que você esteja, trazê-lo para o meu lado. E sinto, na voz da música terna e acariciante, a ternura e a carícia da sua voz, dizendo-me ao ouvido as palavras de amor que eu desejaria

- ouvir sempre de você. As Palavras que eu advinei muitas vezes em seus lábios mas que eles nunca quiseram ou souberam pronunciar.

ALEXANDRE - Nunca souberam, talvez. O coração que ama pela primeira vez, é como a criança que ainda não sabe andar. Sente o desejo grande de fazê-lo mas o medo é maior. E ela vai tentando... ensaiando os primeiros passos... amparando-se à parede, temerosa... vacilante... indecisa... assim como o coração vai dizendo: querida... meu amor... e outras coisas assim pequenas que mais facilmente lhe ocorrem nos momentos de maior emoção. Só depois que ele aprende realmente a amar é capaz de externar-se em torrentes de palavras envolventes e acariciantes.

IRIS - Eu fui a parede onde o seu coração se apoiou temeroso e vacilante, ensaiando os primeiros passos do amor. Mas agora ele já sabe andar sozinho... e eu confesso que sinto um medo muito grande de que ele se afaste de mim. Que ele me despreze... tal como as crianças, quando já se sentem seguras, desprezam a mão das suas governantes.

ALEXANDRE - Por que desprezá-la, se você é a luz e a beleza da minha vida? Se é você a soberana que vive no meu castelo de sonho? E se foi você a primeira, a que me ajudou a construir, pedra por pedra esse mesmo castelo?

IRIS - Isso não impediu que você me deixasse arrastar por uma outra mulher.

ALEXANDRE - Experiência que só serviu para confirmar a sua soberania.

IRIS - Oh, Alexandre, como eu me sinto feliz ouvindo-o falar assim! E como eu sofri quando senti que você se afastava de mim e comeci a compreender os motivos do seu afastamento!... Eu penso que se não tivesse conseguido reconquistá-lo, não teria encontrado forças, em mim mesma para continuar a viver.

ALEXANDRE - Mas agora eu estou novamente a seu lado e hei de permanecer para sempre. Havemos de construir o ninho de amor que tantas vezes sonhamos.

IRIS - E a propósito da outra... peço-lhe que não esqueça as minhas recomendações. Não quero que a desiluda de um só golpe. No fundo eu tenho pena dela. Agora que já tenho toda confiança em você e sei que me pertence inteiramente, não me importarei que você saia com ela, que continue a visitá-la, a falar-lhe pelo telefone e, nessas visitas ou nesses encontros, pouco a pouco, se você irá fazendo com que ela própria se desolude de você e o abandone.

ALEXANDRE - Minha jobis e querida Iris! Você é um grande coração! (Tom, depois de pausa) Mas o quê? Aquela relógio está certo?

IRIS - Penso que sim. Por quê?

ALEXANDRE - É? e quinze? Eu tinha prometido a um colega que estaria às dez horas ser feita no hospital para estudar com ele um caso muito complicado. Você vai me dar licença, querida.

IRIS - Pois não, querido. Sinto que me deixe tão cedo mas não desejo atrapalhar a sua vida profissional.

ALEXANDRE - Então boa noite. Continue a ouvir o seu programa preferido e o meu coração ficará aqui com você.

IRIS - (Emocão) O meu... nunca mais esteve comigo... desde que lhe conheci! (Pausa. Belto. Nova pausa com rumor de respiração agitada) Querido!

ALEXANDRE - Meu amor...

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE UM POUCO AFASTADA.

IRIS - (assustado) Minha filha!...

ENÔ - (afastada e áspere) Desculpe. Eu pensei que você estivesse sozinha. Com licença.

CONTRA REGRA - PORTA QUE BATE COM FORÇA.

CONTROLE - EM CIMA DA BATIDA ENTRA FORTE COM A CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO

FIM DO 21º CAPÍTULO

ANOITECEU. DESCANSA CORAÇÃO.

(Novela de Érico Cramer)

22º CAPÍTULO

MOH C 412

CONTROLE - CARACTERÍSTICA

Locutor - Esta característica assinala o início de mais um capítulo da novela de Érico Cramer...

CONTROLE - SOBRE A CARACTERÍSTICA

Locutor - Anoiteceu. Descansa coração!...

AVALIAÇÃO:

27-10-2011

CONTROLE - SOBRE A CARACTERÍSTICA E CAI EM B/G.

Locutor - No capítulo anterior desta novela, deixamos Iris e Alexandre precisamente a despedirem-se, depois de uma visita que, naquele dia, deveria ter sido para Enoc mas que Rebeca, instruída por Celeste, desviara da filha para a sua mãe e rival. E justamente no momento em que Alexandre se retirava...

CONTROLE - EXTRA COM A MÚSICA DE FUNDO - VIOLINO - DO CAPÍTULO ANTERIOR.

ALEXANDRE - Então boa noite. Continue a ouvir o seu programa preferido e o meu coração ficará aqui com você.

IRIS - (emoção, meia voz) O meu... nunca mais estive contigo... desde que lhe conheci. (Ha uma pausa. Um beijo. Nova pausa de respiração agitada) Querido!...

ALEXANDRE - Meu amor!...

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE BUSCAMENTE. ATASTADA.

IRIS - (assustada) Minha filha!...

ENOC - (atastada e áspera) Desculpe. Eu pensei que você estivesse sózinha. E com licença.

CONTRA REGRA - PORTA QUE BATE COM FORÇA.

IRIS - (depois de pausa pesada, abafada) Que pena!... Eu não desejava que isso acontecesse.

ALEXANDRE - Iris, eu... eu lhe peço desculpas...

IRIS - De quê? Você não teve culpa nenhuma. Nem você e nem eu... Foi o destino que precipitou os acontecimentos, Alexandre.

ALEXANDRE - E agora... que lhe parece que eu deves fazer?...

IRIS - Por enquanto nada, Alexandre. Nem eu mesma farei nada hoje. Deixem...

- tudo assim como está. Amanhã de manhã falarei com ela e depois, conforme o que houver entre nós, combinarei com você a atitude que você deverá tomar. Não lhe parece que será melhor?

ALEXANDRE - Sim, sim... sem dúvida.

IRIS - Agora vá que você está bastante atrasado.

ALEXANDRE - Sim, sim. Boa noite, querida. Durma bem.

IRIS - Obrigada, meu amor. Desejo-lhe também uma boa noite.

~~CONTROLE - SORTINA MUSICAL~~

IRIS - Tu o acompanhaste até à porta, Celeste?

CELESTE - Sim, dona Iris.

IRIS - Sabes o que aconteceu?

CELESTE - Não senhora. Ele não falou me nada e nem eu lhe perguntei. Senti que alguma coisa havia sucedido porque ouvi bater com força a porta do seu quarto. Larguei imediatamente o bordado e, quando cheguei lá no extremo do corredor, pude ver que fora dona Enô quem saíra daqui. Parei e fiquei à espreita. Ela andou uns passos, parou como que refletindo, tornou a andar mais um pouco, novamente parou a pensar e, finalmente, decidiu-se e entrou no quarto dela. Senti, ainda, embora estivesse bastante afastada, que ela havia passado a chave na porta. Esperei ainda uns instantes, para ver se ela não tornava a sair, e quando a final me resolvi a vir saber da senhora o que tinha havido, já o doutor Alexandre estava de saída e fui acompanhá-lo.

IRIS - Pois ela nos surpreendeu justamente no momento em que estávamos nos despedindo e Alexandre me dava um beijo. Estou tão pensativa que isso tenha acontecido que você nem imagina.

CELESTE - Óra, dona Iris, finalmente foi melhor assim. Se ele havia de protelar ainda por quinze ou vinte dias o desengano dela, ela já ficou sabendo de toda a verdade.

IRIS - Mas eu tenho muita pena do que ela deve estar sofrendo neste instante, Celeste. Afinal... foi uma decepção muito grande para a pobrezinha e ela, antes de ser minha rival... é minha filha.

CELESTE - Pois para ela a senhora primeiro é a rival, depois a mãe.

IRIS - Cada um com o seu temperamento, Celeste. Enó é impulsiva como éra o pai. Não sabe sofrer os seus impetos. Não sabe conter-se. E depois... habituou-se a nunca ser contrariada. Todos se curvaram, sempre, à tirania da sua vontade. E finalmente... essa pobrezinha não tem culpa de ser assim. A culpa ainda é nossa que procuramos, sempre, satisfazer os seus menores caprichos.

CELESTE - Isso é, realmente, um grave erro dos pais. A criança que é educada sem vontades, sofre menos decepções quando ^{se} faz adulta. Já está habituada a saber que nem tudo na vida se consegue apenas pela vontade.

IRIS - Não viste se ela continua com luz no quarto?

CELESTE - Não, não fui para aquele lado. Vim diretamente do "hall" para o seu quarto. (Pausa) A senhora está com vontade de ir lá falar com ela?

IRIS - Eu não sei o que faça, Celeste. Confesso-te. Tenho na peza dela estar só, carpindo a torturante amargura da sua primeira desilusão e ao mesmo tempo penso que a minha presença talvez a exaspere e que todas as palavras que eu desejar dizer a ela não soem x aos seus ouvidos com a verdadeira intenção com que saem do meu coração de mãe.

CELESTE - Com certeza. Ela as receberá como palavras de uma rival vitoriosa e em cada frase ha de encontrar uma inflexão de ironia ou de sarcasmo que a senhora, num momento destes, não seria capaz de experimentar.

IRIS - Deus me livre! Já me sinto tão culpada por ter insistido em disputá-lo...

CELESTE - Não diga isso, dona Iris. A senhora precisa afastar definitivamente essa ideia. Se a alguém cabia renunciar éra a ela que chegou depois e que se aproximou dele unicamente com a intenção de se divertir. Um amor, afinal, não é como um vestido ou um objeto qualquer que a gente possa ceder a outrem e não nos faça falta. Um amor verdadeiro não se cede a ninguém. Só ao próprio amor. E depois... a senhora sabe, como eu sei, que o desgosto de sua filha não irá além de dez ou doze dias. Ela é moça... bonita... inteligente... não lhe faltarão rapazes que a cortejem e talvez em menos de trinta dias já esteja empolgada por um novo amor.

IRIS - Sim, sim, nesse ponto tu tens razão. É só essa ideia o que em tudo isso me consola.

CELESTE - Bem, agora trata de dormir que é o melhor que tem a fazer. Amanhã bem cedo, se a senhora quizer, eu, a propósito de qualquer pretexto, poderei ir ao seu quarto para ver como ela está de ânimo. Ai... conforme andar a coisa... Acho muito justo que a senhora procure dar uma explicação a ela e até mesmo ampará-la moralmente mas não concorde em absoluto que se sujeite a ser maltratada e ofendida. Assim... o melhor será mesmo que eu primeiro sonda o terreno para depois a senhora chegar.

IRIS - Está certo, Celeste. Não irei ao seu quarto antes que tu venhas me dizer como ela está.

CELESTE - Aqui está o seu calmante. Tome-o e vá dormir. Boa noite.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ASSUNTA - O que é isso, menina?!... Que desordem é essa?!... Parece que passou um ciclone por aqui. É roupa por cima da cama, das cadeiras, dos móveis... Os armários abertos para traz... as gavetas todas em desordem... o que houve, afinal?

ENOE - Houve que nós vamos voltar para São Paulo, se possível hoje mesmo?

ASSUNTA - Como foi que você disse?

ENOE - Isso mesmo que você ouviu, Assunta. Vamos voltar hoje mesmo para São Paulo. Você vai sair agora para separar passagens no avião. Para separar não. Para comprar. Se não houver passagens no avião de hoje compre para o primeiro de amanhã. Quero sair desta casa o mais depressa possível.

ASSUNTA - Mas afinal o que houve, menina? Eu preciso saber, pelo menos, o motivo dessa resolução tão brusca.

ENOE - Você se lembra que ontem me fez prometer que iria ao quarto de mamãe antes de me deitar?

ASSUNTA - Sim.

ENOE - Pois logo depois que você saiu para o seu quarto, eu me despi, botei o meu pegoir e fui cumprir a promessa que lhe havia feito. Cheguei no

- quarto e ela não estava. Dei mais uns passos pelo corredor e percebi, pela fresta da porta, que havia luz na saleta verde-mar. Pensei que ela estivesse lendo ou escrevendo e abri a porta sem bater. (Tom) Você sabe "quem" estava lá com ela ?

ASSUNTA - O homensinho que você esperava?

ENOE - Exatamente. O Alexandre.

ASSUNTA - Dio Santo!...

ENOE - Mas espere que o pior de tudo não é isso.

ASSUNTA - Que houve mais, menina?!

ENOE - Ele parece que já ia sair e estava os dois de pé, abraçados... e completamente embebidos num beijo daqueles! Um beijo que você nem pode imaginar.

ASSUNTA - Sei, rei. Um beijo daqueles que a gente costuma ver no cinema que parece que um vai tirar um pedaço da boca do outro.

ENOE - Isso mesmo. Daquelles beijos que, para quem dá, devem ser deliciosos mas para quem vê não são mais do que irritantes.

ASSUNTA - Madre mia! E você, menina, o que fez ?

ENOE - A única coisa que podia fazer. Pedi desculpas de ter entrado sem bater, fechei a porta e voltei para o meu quarto.

ASSUNTA - E ela? Não veio aqui depois?

ENOE - Nem se atreveu. Estive com a luz acesa ainda umas duas horas mas ela parece que achou mais prudente conservar-se à distância. E faz bem. Foi muito bem, porque eu estava tão indignada de ter me sido iludida por aquele jeito que nem sei o que teria sido capaz de fazer.

ASSUNTA - Eu imagino bem. E conseguiu dormir depois disso?

ENOE - Que dormir coisa nenhuma! Passei a noite inteira acordada, arquitetando uma vingança, mas afinal, depois de escolher diversas e abandoná-las mais hora depois, cheguei à conclusão que o mais acertado era afagar-me daqui o mais depressa possível e tratar de esquecer o que passei.

ASSUNTA - Sim senhora! Até que um dia eu lhe vejo agir com bom senso. Não há dúvida que esta é a solução mais acertada para o caso.

ENOE - Pois então não perca mais tempo, Assunta. Vá vestir-se imediatamente, ponha-se a caminho e trate de arranjar duas passagens, se possível, ainda para hoje.

ASSUNTA - Está bem. Agora mesmo eu vou.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

CONTRA RECLA (- BATIDAS DISCRETAS EM PORTA.

IRIS - (projetando) Pode entrar.

CONTRA RECLA - ABRIR E FECHAR DE PORTA. PASSOS DE MULHER SE APROXIMAM

CELESTE - (aproximando-se) Bom dia, dona Iris. Passou bem a noite ?

IRIS - Mais ou menos, Celeste. Não consegui dormir sinão pela madrugada. Você esteve com ela?

CELESTE - Sim. Venho de lá agora mesmo. Está preparando as malas.

IRIS - O que?! Ela vai viajar?

CELESTE - Disse-me que volta para São Paulo.

IRIS - Mas não te revelou o motivo? Como está ela de ânimo?

CELESTE - Parece-me enraivecida. Recebeu-me com visível mau humor mas não se mostra abatida. Póde crer no que eu lhe digo, dona Iris; ela não está sentida nem magoada. Está apenas ferida no seu amor próprio.

IRIS - Tu achas... que eu devo deixá-la partir?

CELESTE - É claro. Só lhe poderá fazer bem uma nova temporada em São Paulo. Depois que ela estiver esquecida de tudo, o que não tardará muito, a senhora mandará convidá-la e ela voltará.

IRIS - É isto, sim, Celeste. O melhor é deixá-la partir.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

REBECA - Esta mala está fechada. Fechem esta outra também ?

ENOE - Não Rebeca. Nessa ainda tenho que botar esta roupa que estou no corpo.

REBECA - Ah, é verdade. A senhora ainda vai trocar de roupa é claro. Teria muita graça embarcar de chambre e de chinelos. Mas o vestido que vai botar, deixou-o fora da mala ?

ENOE - Sim. Ficou tudo separado ali no guarda roupa. E ficou também aquele vestido branco e plissado que você gostou.

REBECA - A senhora vai embarcar com ele?

ENOE - Deus me livre! Ele me deu um azar tal que não quero nunca mais botá-lo. Deixei-o para você.

REBECA - Para mim?!... Muito obrigada, dona Enoe. Muito obrigada!... Como a senhora é boazinha.

ENOE - Não sou, não. Sou até muito ruim. Deixo-o porque tomei ódio dele. Não é por você nem para lhe ser agradável.

CONTRA REGRA - PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA. PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM;

ENOE - (quando a porta se abre) Conseguiu as passagens, Assunta?

ASSUNTA - (aproximando-se) Para hoje não. Embarcamos amanhã ao meio dia!

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

MIMOSA - Meu filho, telefonou muito uma moça para você. A manhã inteira.

ALEXANDRE - Disse quem éra?

MIMOSA - Não, não quis dizer. Várias vezes lhe perguntei mas ela respondia sempre a mesma coisa: "é uma cliente dele".

ALEXANDRE - Não sei quem possa ser. Da casa de dona Iris a senhora tem certeza que não éra?

MIMOSA - Ela, pelo menos, não porque já lhe conheço bem a voz. Só se éra alguma empregada. O interessante é que aquela voz não me é de todo estranha.

ALEXANDRE - Então talvez seja mesmo de alguma cliente com quem a senhora já tenha falado alguma vez. Se ela tiver interesse em encontrar-me ha de chamar outra vez. A senhora disse que na hora do almoço eu estaria em casa?

MIMOSA - Disse, e sim, meu filho. Si bem que não gosto muito de dizer isso para que você possa almoçar mais descansado. Em todo o caso... como ela disse que éra uma cliente... e podia ser mesmo...

ALEXANDRE - A senhora sempre fazendo mau juízo de seu filho, não mamãe?

MINOSA - Não é que eu faça mau juízo, meu filho... E que você é moço... bonito... tem já a sua posição definida na sociedade... é natural que elas andem aos enxames à roda de você.

ALEXANDRE - A senhora é que pensa mas está iludida. Da mesma maneira que pensa que eu sou bonito. Mas é natural. Todas as mães acham lindos os seus filhos!

MINOSA - Mas eu não disse que você é lindo. Disse "apenas" que é bonito.

ALEXANDRE - Mas eu o sou "apenas" para os seus olhos, mamãe. (Ri) Pobre da minha mãe! Qualquer dia vou arranjar uma filha para a senhora. Quer?

MINOSA - Desde que seja realmente uma filha... Não faço questão que ela seja rica e nem que seja bonita. Sendo boa para você e sabendo fazê-lo feliz, há de merecer todo o meu carinho e toda a minha gratidão.

ALEXANDRE - Pois então saiba que a filha que eu escolhi para a senhora é rica, é bonita e boa também. Principalmente boa.

MINOSA - Pois fico muito feliz em saber disso. Só quero que me respondas uma coisa: por qual das duas afinal te decidiste?

ALEXANDRE - Pela mãe. Bem sei que a senhora fazia mais gosto com a filha, mas arranje-lhe que saíremos, ambos, melhor servidos. Eu com melhor esposa e a senhora com uma nora boníssima.

MINOSA - Pois isso é que é o principal, meu filho. Quanto ao fato de dizeres que eu fazia mais gosto com a filha, não é propriamente isto. O que eu te disse, e sempre achei, realmente, é que a filha estaria mais de acordo para ti. Naturalmente que pensava assim por causa da idade de uma e de outra mas a idade, em tempo nenhum, constituiu impedimento a uma perfeita felicidade. E a prova eu a tive em mim mesma. Você bem sabe que eu era onze anos mais velha que seu pai e no entanto vivemos sempre muito felizes. Traga, meu filho, traga a sua esposa que eu a receberei de braços abertos. E se ela for uma verdadeira esposa para você eu serei também para ela uma verdadeira mãe!

~~CONTROLE~~ ~~CORTINA MUSICAL~~

REBECA - (alcoviteira) Não vão mais hoje, dona Celeste.

CELESTE - Como é que você sabe?

REBECA - Eu estava lá quando a gringa chegou da rua. Ouvi quando ela disse que só tinha conseguido passagens para amanhã ao meio dia.

CELESTE - Que pena! Eu já estava ansiosa para ver essas duas pelas costas. Agora eu ainda terei que esperar até amanhã ao meio dia!

REBECA - Elas também ficaram muito contrariadas. Dona Enoc, então, muito mais do que a velha. Parece que elas também estão bem aflitas para nos verem pelas costas.

CELESTE - Você não ouviu ela dizer nada se vai se despedir da mãe ou não vai?

REBECA - Até agora ela não pronunciou uma única vez o nome de dona Iris.

CELESTE - Isso é sinal evidente de que a borrasca ainda não amainou. (Pausa e tom) Que é que elas estão fazendo agora?

REBECA - Deixei-as sentadas conversando. Combinavam se deveriam passar telegrama para a avó da menina ou se chegariam de surpresa.

CELESTE - E a final?

REBECA - Parece que resolveram não passar. A menina lembrou que o telegrama indo hoje daqui, anunciando a chegada amanhã, que a avó logo ia deduzir que elas iriam de avião e possivelmente ficaria muito nervosa.

CELESTE - Bem, volte para lá e procure afastar-se o mínimo possível. Quando estiver só com dona Enoc procura um jeito de falar-lhe na mãe para ver como ela reage e depois me conte.

REBECA - Sim senhora.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

ASSUNTA - Você não vai descer para o jantar?

ENOC - Não, Assunta.

ASSUNTA - Quer que mande trazê-lo aqui em cima?

ENOC - Não, obrigada. Não sinto nenhuma vontade de jantar.

ASSUNTA - Mas você não pode ficar o dia inteiro apenas com duas chicaras de chá. Tem que comer alguma coisa ou então tomar um copo de leite que sempre alimenta.

ENOC - Eu já lhe disse que não tenho vontade, Assunta. Não insista, peço-lhe por favor. Tenho uma coisa aqui que não me deixa engolir nem a saliva.

- ASSUNTA - Essa coisa eu sei como se chama. É raiva concentrada. Mas foi pena que ela se concentrasse precisamente na garganta. Imagine se essa coisa resolve ficar aí mais dois ou três dias, você vai ficar um verdadeiro palito.
- ENOE - Não importa. Eu nem estou me preocupando com isto. Tenho mais em que pensar.
- ASSUNTA - Você não se importa mas me importou que sou encarregada de cuidá-la. Que dirá sua avó se você não melhorar esse aspecto até amanhã à hora de chegar?
- ENOE - Eu simplesmente mentirei a ela que enjoei muito no avião e tenho certeza que ela acreditará.
- ASSUNTA - Escute, menina: por que não saímos um pouco para ver se você se distrai? Andaremos pela cidade... Você olhará as vitrinas... Vamos?
- ENOE - Você pensa que olhar vitrines me distrairá?
- ASSUNTA - Mas pelo menos nos fará passar mais depressa o tempo.
- ENOE - Já estou com as roupas todas fechadas na mala, Assunta.
- ASSUNTA - Mas bite o toiller que você deixou de fora para a viagem. (Pausa) Então? Vamos? Será muito melhor do que ficarmos as duas aqui uma olhando para a cara da outra.
- ENOE - Está bem, Assunta. Já que você insiste...
- CONTROLE - CORTINA MUSICAL
- CELESTE - Saíram?
- REBECA - Sim. Foram dar uma volta pela cidade.
- CELESTE - Você chegou a fazer o que lhe pedi?
- REBECA - Tentei por duas vezes mas o diabo da gringa, cada vez que eu falava com dona Iris, atravessava-se com outro assunto, precisamente para não permitir que ela me respondesse.
- CELESTE - Mas e a cara que ela fez? Você não reparou?
- REBECA - Manteve-se impenetrável. Não fez uma contração, sequer. Vou lhe dizer, dona Celeste: é menina de opinião, puxa!
- CELESTE - Uma boa malcriada é o que ela é. Se fosse minha filha eu havia de lhe ensinar como éra que ela havia de proceder. Eu não admitiria nem a me

- a metade dessa altanaria e dessa arrogancia que ela mostra. (Tom)
Escute, elas não disseram se voltavam para jantar?

REBECA - A gringa não sei ras a menina eu ouvi dizer que não queria jantar.

CELESTE - Creio que a velha também não virá. Se saíram precisamente na hora de ser servido...

REBECA - Sim, eu também acho.

CELESTE - Bem, deixa-me então providenciar o jantar de dona Iris.

CONTROLE - CORTINA MUSICAL

IRIS - Eu já estava anciosa à sua espera, querido.

ALEXANDRE - Perdoo a demora. Não foi possível vir antes, meu amor. Hoje foi um dia tão atrapalhado para mim que não houve tempo nem para dar-lhe uma telefonada. Passou bem o dia?

IRIS - Mais ou menos. Estou ainda bastante angustiada com o que aconteceu ontem.

ALEXANDRE - Eu lhe confesso que tive bem pouco tempo para pensar nisso. E ela? chegou a falar-lhe hoje?

IRIS - Não. Sei, apenas, que está de malas prontas para seguir para São Paulo. Embarca amanhã, ao meio dia.

ALEXANDRE - Talvez seja uma medida de grande vantagem para todos nós. Não lhe parece?

IRIS - Por um lado, sim. De qualquer maneira eu não posso deixar de pensar no fato com profunda mágoa. Você bem sabe que eu não desejava que isso terminasse assim.

ALEXANDRE - Claro que sei. Havíamos falado nesse assunto momentos antes de tudo acontecer. Bem... não falemos mais nesse assunto. Você precisa esquecer a maneira de se esquecer qualquer coisa e não falando nela. (Tom) Temos concerto hoje?

IRIS - Se quiser... estamos precisamente na hora do programa começar.

ALEXANDRE - Ligue o rádio, então...

CONTRA REGRA - RUIDO DE LIGAR RÁDIO

ALEXANDRE - Vamos embalar-nos, por alguns momentos, nas suaves melodias de um violino cigano.

CONTROLE - ENTRA COM DISCO DE BOULANGER. JÁ COMEÇADO E FICA EM B/G

IRIS - Esquecer e afastar, por alguns instantes, o travo amargo da inquietação que ronda a nossa vida e o nosso amor.

ALEXANDRE - Sonhar com os dias vindouros que hão de ser dourados pelo sol radioso da felicidade.

IRIS - Essa felicidade que eu já começo a experimentar agora, diante da certeza de que o meu amor me pertence. Sabe que pensei morrer quando senti que você, aos poucos, começava a me fugir?

ALEXANDRE - Não falemos mais disso, querida. Sonhar com o futuro, foi o que eu disse. Não pensar no passado, nas loucuras que ficaram para trás, na incerteza e na agonia que vivemos, porque também eu vivi nesse estado de alma. E pode crer que sofri muito, Iris, muito.

IRIS - Não mais do que eu sofri. E a sua situação era bem outra. Você possuía o privilégio de escolher um ou outro caminho e para qualquer dos dois teria uma companheira. Eu tinha apenas uma estrada diante de mim e teria que andá-la inteiramente só se não tivesse a graça de ter sido preferida.

ALEXANDRE - Caminhará, de agora em diante, ao meu lado, apoiada ao meu braço, sorrindo para mim suavemente e transformando a minha vida, antes agreste e sombria, numa estrada de luz tapetada de rosas!

IRIS - Vivemos sempre juntinhos, meu querido, usufruindo a felicidade imensa que nos vem da alvorada que ora se inicia para as nossas vidas. Uma alvorada serena, nascida de um céu azul sem nuvens e enfeitada por gorjeio de pássaros! Seremos os dois cielos de alvacentas plumas, nadando lado a lado, num lago azul sem ondas nem espumas!...

CONTROLE - CORTINA MUSICAL.

ASSUNTA - Que horror, meu Deus!... Como eu estou cansada!... Tenho os pés que são duas brasas vivas! Como você me fez andar, menina.

ENOE - Pois não foi você mesma que me obrigou a sair, Assunta? Lembre-se que eu não queria.

- ASSUNTA - Bem, eu lhe convidei para andarmos um pouco para você se distrair olhando as vitrines mas não para ficarmos nesse bate-bate maluco desde as sete e meia da tarde até quase às onze da noite. Assim não há corpo que aguento. Amanhã teremos quase um dia inteiro a andar de avião, vamos chegar em São Paulo mais mortas do que vivas.
- ENOË - No avião você terá tempo de sobra para dormir e descansar.
- ASSUNTA - Quem é que vai dormir no avião? Euf! Pois sim. Pretendo ficar o tempo todo acordada e de rosário na mão. Estou lá para o avião se despençar e me atirar no inferno? Eu não!
- ENOË - Será possível que você... (corta bruscamente. Transição) Ué! O que é isto aqui?! Um telegrama?! (lendo) Senhorinha Enœ Berlinck. (Pausa) Telegrama de São Paulo, Assunta.
- ASSUNTA - Abra logo, menina! Que gosto mais extravagante de torturar-se a si própria e aos outros!
- CONTRA - ~~FUGA~~ ~~RUIDO DE ABRIR TELEGRAMA~~
- ENOË - (abrindo o telegrama) Tenha calma, creatura. Você não vê que eu já estou abrindo?
- ASSUNTA - (depois de pausa) O que foi, menina? Fale.
- ENOË - Assunta... já não embarcamos amanhã.
- CONTROLE - CARACTERISTICA MUSICAL PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

FIM DO 22º CAPITULO

